

INFINITO E PARADOXO

Manuel Agrião

Direitos autorais © 2021 Gabriel Gonçalves

Todos os direitos reservados

Este livro ou qualquer parte dele
não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma
sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor,
exceto o uso de citações breves em uma resenha.

Primeira edição, 2021

ISBN-13: 9798479014222

Design da capa por Gabriel Gonçalves

ÍNDICE

Capítulo I : Introdução	1
Capítulo II : Infinito	8
Capítulo III : Paradoxo	15
Capítulo IV : Divindade	21
Capítulo V : Mistério	31
Capítulo VI : Criança	37
Capítulo VII : Amor	48
Capítulo VIII : Destino	61
Capítulo IX : Transparência	69
Capítulo X : Plenitude	75
Capítulo XI : Iluminação	81
Capítulo XII : Dualidade	86
Capítulo XIII : Imortalidade	94
Capítulo XIV : Sentimento	107
Capítulo XV : Conhecimento	121
Capítulo XVI : Sofrimento	129
Capítulo XVII : Realidade	145
Capítulo XVIII : Identidade	152
Capítulo XIX : Arte	166
Capítulo XX : Contemplação	175

Capítulo I: Introdução

I.1

Aqui, que não está alguém
e que por isso está ninguém,
ouve pr'ali: “Está alguém?”
E diz: “Não está ninguém!”

I.2

O falso é aquilo que não tem uso.
O verdadeiro é aquilo que tem uso.

Com muita luz, fechamos os olhos.
Com pouca luz, abrimos os olhos.

Das duas formas, nada vemos.
A Verdadeira luz é aquela que serve.

I.3

Sobre aquilo que É, eu tenho a dizer
que o conteúdo do que digo
é igual ao conteúdo do que não digo.
Não dar ouvidos ao que digo
é igual a dar-me ouvidos.

Como interpretar o que digo,
quando não sei do que falo?
Falar o silêncio
é tudo o que tenho para dizer.

I.4

Quando me surgem as ideias, elas são simples,
mas quando as escrevo, elas tornam-se complexas.

A profundidade destas ideias é igual a quanto as clareias.
Desde a ideia que me surge até à ideia que compreendes,
vai um intervalo preenchido. Pleno! Cheio de Vazio.

I.5

Eu não faço filosofia.
Eu faço aquilo que antecede a filosofia.
Eu elaboro o Infinito e o Paradoxo.
Esta é a última ideia que me podem roubar.

Depois disso, só o Sentimento.

I.6

Para se iniciar todo este processo
de aquisição de conhecimento,
terá de existir o questionamento.
A questão é o arranque inicial.

Se me mantiver sempre
e implacavelmente a questionar,
também haverá sempre algo mais
a assimilar e a engordar.

Enfim, o certo é lei, pois se continuar
a questionar assim, também nada sei.

É necessário exercitar a incompletude
e ensaiar amiúde esta virtude.

I.7

É tão real uma história inventada
quanto mais real a pensamos ser.
É tão falsa uma história real
quanto mais falsa a pensamos ser.

Pensar é imaginar um diálogo.
Não importa se falso ou real
porque, das duas formas, imaginamos.

I.8

Há pessoas que não gostam nada de mentirosos.
Qual é o mal, quando não se descobre a mentira?

As pessoas honestas queixam-se da vantagem
que os mentirosos levam sobre as suas vítimas.

No entanto, os próprios sentidos enganam-nos também.
Admitimos compreensivelmente, mas mais implicamos,
que nós é que não nos devemos enganar uns aos outros.

As pessoas são todas, apenas, um conjunto de sentidos.
Somos os nossos sentidos fisiológicos, juntos com
o sentido mais importante de todos: o sentido do eu.

I.9

Para me ensinar, preciso de ninguém.
Diligente, vou descobrindo sozinho.
Consonante, vou aprendendo ao descobrir
que, para aprender, se precisa de alguém.

A vida depois da morte é todo o conhecimento
que foi primeiro desconhecimento.
Quando sonho com alguém que não conheço,
num pesadelo, o Desconhecido lida comigo.

Lido acompanhado pelo ego,
que é devorado pela inexistência.
Sou, e o Conhecido ensina-me isto mesmo.

I.10

O mecanismo cognitivo que mais valorizamos agora
é a capacidade de raciocínio.

No entanto, a cognição com conexão direta à Fonte
é o sentimento.

Para além disto, o mecanismo mais sofisticado
é a memória do futuro.

A adivinhação é o ato de lorigar a memória
do sonho Divino, o eterno Destino.

I.11

Existe a natureza selvagem,
existe a natureza humana
e existe a Natureza-com-N-grande.

A primeira é o oposto
da natureza humana.
A segunda e a terceira,
são aquelas de que fazemos parte.

Mas é esta, a Natureza-com-N-grande,
que nos ensina.

Entretanto, a natureza humana
serve apenas como pretexto
para nos vangloriarmos, Naturalmente.

I.12

Há temas que nem toda a gente percebe.
Será que existem temas que ninguém percebe?

Existem experiências que nem toda a gente irá viver.
Será que existem experiências que todos viverão?

I.13

Seja o que for, de apolíneo e incrível,
que cada um de nós possa experienciar,
seja na carreira profissional,
num desporto ou numa viagem.

Uma lição importante que seja
e que ache pertinente partilhar,
nunca vai ser mais do que quando alguém diz:
“Acho que li ou vi isso na TV uma vez...”

I.14

Estas palavras nem sempre soam bem,
mas quem as experimentar ler amanhã
poderá ter uma inesperada revelação.
Para quem as ler um dia depois,
poderá achar novamente ridículo.

Num dia, podem ser um oráculo.
Noutros dias, apenas inócuo.
Assim é, porque elas são Transparentes,
daí refletirem o espírito de quem as lê.
Estas palavras têm vida,
são tentáculos de um organismo.

O Universo é um mecanismo
que nos presenteia com brindes.
Às vezes, tornando-nos interessantes,
outras vezes, de nós se esquece
tornando-nos insignificantes.
Por revelações somos pedintes,
mas sempre Transparentes
até mesmo na negação.

Como somos Transparentes,
lê-se a si mesmo, o Organismo.

Todas estas palavras
tentam descrever o lápis que é o tempo
e a folha que é o espaço.

Quem sobre esta pauta ler este compasso,
que fique a saber que esta viagem
é acerca da experiência do Divino ao ser Divino,
é acerca da experiência do Divino ao ser humano
e é acerca da experiência do humano ao ser humano.

A primeira é sobre a folha em branco.
A segunda é sobre a mão que a segura,
e a terceira é sobre a outra que nela escreve.

Assim, avassaladora é a grandeza da Unidade.
Incompreensível é a transformação da dualidade.
E perpétua é a estabilidade da trindade.

Esta última origina a busca da moralidade,
que é a fantasia de que seja alcançável
o ser humano ser Divino um dia.

Isto é impossível, porque já o somos,
antes de sermos quem somos.
Somos e nunca fomos.
Porque Aqui,
está Tudo,
Presente.

Capítulo II: Infinito

II.1

Para apontar o Infinito, por onde começo?
Pelo que me está mais próximo, Naturalmente.
A noção de mim que depressa ficará soterrada.

Nada em exagero, é bom.
Só existe uma coisa que é bom em exagero:
O Infinito.

II.2

Deus, uma vez, fez-me esta confissão. Disse-me:
“Morrer Infinitas vezes, eu não ambiciono,
não por ser algo a temer, mas por ser exigente.
É exigente. Exigente é a palavra certa. Exige Presença!”

II.3

Na areia da praia
encontram-se todas as formas em potência.
A forma em potência é a não-forma.

O Universo, a Consciência-com-C-grande,
é como se fosse um saco de batatas
com Infinitas batatas, de Infinitas formas diferentes.

O Universo, a Consciência-com-C-grande,
é Infinitamente eficiente, tanto que
o tamanho e o peso do saco é Zero.

II.4

Encontro-me limitado e, por isso,
não conheço o limite das coisas.
Ignorante, não sei como funciona
o meu eletrodoméstico.
Ignorante, não sei como fazer um fato.
Ignorante, não sei o que leva
a sopa tradicional ucraniana.

Eu conheço apenas o Infinito.
É a única coisa que realmente conheço e vivo.

A limitação das coisas
vou conhecendo à medida que as experiencio.

Um passo de cada vez.
Uma unidade de cada vez.
Uma frase de cada vez.
Um dia de cada vez.
Uma hora de cada vez.
Um minuto de cada vez.
Um segundo de cada vez.
Um momento de cada vez.
Um Infinitesimal de cada vez.
Um Nada de cada vez.

A segunda sétima vez é também sempre a oitava vez.
O sentimento antecede o significado.
O significado antecede o conceito.
O conceito antecede a palavra.
Quando, por vezes, esquecemos de uma palavra,
sabemos, no entanto, o que queremos dizer.

Possível é, entrar numa realidade,
independentemente que seja,
se coletiva ou subjetivamente,
desde que realizável porque se deseja,
bastar em descrever.

Por isso, o Universo é uma Consciência
e cada consciência é um Universo
num contido Infinito de geometria impossível.

Quando conhecemos a lua na sua totalidade,
reconhecemo-la nas suas múltiplas representações.
Quando conhecemos a Verdade,
reconhecemo-la em todas as suas representações.

Se o Universo for finito, é legítimo perguntar:
“O que está para lá da fronteira?”

Mas se porventura o Universo for Infinito,
eu sou o seu centro, tal como tu.
Anda, que acreditemos todos nisto!
Assim podemos acreditar em qualquer coisa.

II.6

Quando se juntam todas as religiões,
dá-se uma contradição.

Quando se juntam todos os sistemas económicos,
dá-se uma contradição.

Todos os extremos têm opostos
que coincidem na perfeição, na sua contradição.

Os opostos na contradição anulam-se.
Por isso é que as pessoas têm opiniões,
para evitarem ser Infinitas.

II.7

Nas religiões do ocidente,
Deus escolhe quem vai para o paraíso
ou quem vai para o inferno, porque
escolher é, ao fim ao cabo, julgar.
Mas quem tem coragem
de escolher uma destas religiões,
se escolhemos como somos julgados?

A maioria das religiões do oriente
apregoam que existirão boas e más sequelas
para a próxima existência causal,
consoante de como se levou esta vida.
Mas de onde veio o primeiro carma?

No paradigma da ciência,
a tecnologia leva ao sucesso e ao dinheiro,
que, por sua vez, irão invariavelmente
atizar a ganância em obter
a juventude eterna como propósito maior.
Mas, diz-me, como é a evolução das espécies?

Ignorar o Infinito é ignorar tudo,
assim qualquer credo bate certo.
Considerar o Infinito é considerar tudo,
assim qualquer credo bate certo.

II.8

Se fosses uma forma de Infinitude no tempo,
se vivesses para sempre, igual na forma,
escolherias para sempre estar sempre feliz?
Se calhar irias escolher estar triste, às vezes,
e viver todas as possibilidades, incluindo as más.

Pois bem, tenho uma novidade para ti! Tu és Infinito!
E não só no tempo. Mas esta evidência é subjetiva.

Nem todos os sonhos são iguais, mas existe o Sonho.
Por isso, conheço a essência da tua subjetividade.

A experiência do Infinito é indescritível,
no entanto, há uma forma de a descrever.
É quando eu tiver uma opinião e tu tiveres outra.

II.9

Certa vez, um aluno de um curso de pintura aprendera diversas técnicas. Depois, foi avaliado a pintar um quadro. O aluno sabia que se chumbasse, nunca mais iria ter uma tela como aquela para pintar. Esta avaliação foi feita durante duas horas. Na primeira hora, ele aplica todas as técnicas e traços. Faz o melhor que sabe, mas um pequeno deslize da mão coloca um erro na tela. Ele sabe que já chumbou, por isso, na última hora, como ainda tem muito da tela para pintar, e como entende ser a única oportunidade para ainda pintar numa tela como aquela, ele pinta sem regras nem expectativas, e talvez até se divirta mais do que quando se sentia na avaliação.

Esta é a expressão do ser no Infinito,
só mais um exemplo trivial de como viver.

II.10

Primeiro dirão que querem experienciar o Infinito,
e depois, afinal, o objetivo será continuar a sonhar.
Isto é, sonhar em querer ter coisas e fazer coisas.

A velocidade Infinita é a onnipresença.
A velocidade Infinita é não perecer.

Perguntar-me-ão: “Será que és mesmo Infinito?”
Ao qual eu responderei com novas questões:
“Infinito como quem vive igual para sempre? Nunca mudando? Ou Infinito como quem se torna sempre algo diferente, morrendo todas as vezes que muda?”

É que, uma forma de Infinitude é Infinito no tempo,
e a outra forma de Infinitude é Infinito na forma.

Ambas, ao mesmo tempo, é contraditório.
E escolher apenas uma destas opções, não se é completo.

A única forma de convergir para as duas opções,
é não escolher. É não saber, e deixar ser.

Até se poderá saber,
mas é um não saber de Faz-de-conta.
Ou seja, é aceitar. Não é ignorar, mas sim aceitar.
É um aceitar de saborear o saber ignorar.

Capítulo III: Paradoxo

III.1

...mas eu tenho Nada.
Quando tenho Nada, eu tenho algo.
Com dualidade, eu tenho Tempo.
Com Tempo vem o Infinito.
O Infinito está em Tudo.
O Infinito é Divino.
Tal como a Unidade.
A Unidade é Tudo.
Tudo é Nada.

Para Tudo e Nada ao mesmo Tempo,
eu não encontro nome.
Pronto! Já arranjei um Nome.

III.2

Ter muito daquilo que não se quer
é como ter nada.
Mas querer ter Nada é ter Tudo.
E ter Tudo é ter aquilo que se quer.

Tudo, Nada, Amor, Mistério,
são uma e a mesma coisa.

III.3

A Verdade não pode ser dita.
Esta é a Verdade.

No Infinito, toda a utilidade
diluí-se em algo que não tem nome.

Não é inutilidade, mas também não é utilidade.
Eu gosto de pensar que é ambos: um Paradoxo.
Porque só no Paradoxo se salvaguarda o Infinito.

O Paradoxo é a conservação do Infinito.

III.4

Tudo pode ser questionado.
Esta verdade nunca poderá ser questionada.
O que faz com que estas afirmações
sejam uma espécie de mentira.

Invariavelmente, a única coisa
que nunca poderá ser questionada é o Paradoxo.

A única coisa que nunca poderá ser questionada
é o limite do que o Infinito Absoluto é.

O Absoluto nunca poderá ser questionado
porque não temos forma de apreender o seu limite
numa idealização estática na dimensão do intelecto.

Mas podemos vivê-lo.
Aliás, tal como o fazemos agora.
Porquê? Porque tudo é Infinito.

E se tudo for uma ilusão?
Incluindo o Infinito ser ilusório,
e esta ser a única verdade?

O fiel Paradoxo mantém o Infinito real.
A Infinitude é o eterno Mistério,
o Real que é Desconhecido.

III.5

Jamais descreveremos o Caos,
mas vivemo-Lo a todo o momento.
É o silêncio entre cada som,
o vazio entre cada matéria.

Esse aleatório do qual eclode
o silêncio ensurdecedor,
é o delinear inteligente.

É o Mistério auspicioso.

O Caos é a Fonte de Tudo,
é de onde surge a Ordem.

Do Caos emerge o Paradoxo.

III.6

Tudo o que tem um princípio tem um fim.
Do mesmo modo, isto aplica-se a qualquer coisa
que nunca tenha existido,
porque o que não tem um princípio
também não tem um fim.

A tomada de consciência de que algo existiu,
teve um princípio, e consequentemente,
teve um fim a tomada de consciência de algo que existiu.

A tomada de Consciência de algo que nunca existiu,
nunca teve um princípio, logo, nunca terá um fim
a tomada de Consciência de algo que nunca existiu.

Nada é permanente, mas o Nada jamais se perde.
Poderão dizer: “Cada vez percebo menos...”
Ao qual direi: “É bom sinal.
É porque estas mais perto do que É.”

Desintegrar, desconstruir,
para ser Nada, para ser Tudo.

III.7

Uma dada geometria pode conter várias simetrias,
mas só uma simetria de cada vez se pode manifestar.
Toda a simetria é uma fissura na geometria do Universo.
Dessa fissura surge uma outra individualidade
que se tornará um novo Universo.
Portanto, a consciência é a manifestação da Simetria.

III.8

Saberás o porquê de te fazer confusão o Paradoxo?
Assim acontece, prolongada e encafifadamente,
quando o objeto de estudo for a realidade coletiva.
Ou mesmo a realidade subjetiva.
Ou mesmo a Realidade Absoluta,
se a tua busca for a metafísica.

No entanto, sendo um paradoxo,
a solução da resolução não te é conclusivo.

Sendo, por isso, uma solução não-satisfatória.
Trata-se de um absurdo matemático como $0=1$.

Para o sábio, o objeto de estudo
não é a Realidade Absoluta,
mas sim o próprio Paradoxo.

Portanto, a solução sendo $0=1$,
está correta e faz sentido.

Para o sábio, o mais importante
é manter o Paradoxo.
Para o sábio, o mais importante
é o que achares importante.

E daí, resolve-se também
a questão metafísica da Realidade Absoluta.
E consequentemente, o coletivo e o subjetivo.

III.9

Que bom as coisas serem passageiras!
Assim tomo conforto mesmo no sofrimento.

Quando os momentos são bons,
queremos que sejam para sempre;
no entanto, também estes passam.
Que bom assim ser!

Por ser o bem-estar passageiro,
sinto gratidão por cada bom momento ser único.
E por ser único, é extremamente valioso.

Não valioso para se ter, mas sim
para sentir... gratidão.

Na verdade, é o que queremos sentir.
A gratidão é o tesouro mais procurado,
mas menos lembrado!

Sentirmo-nos gratos pelos bons momentos
é o que queremos e procuramos.

Lembra-te!
Só se sente gratidão de verdade,
quando se sabe que é passageiro. Tudo passa!
Só há uma coisa que não passa e que é eterna.
Que é as coisas serem passageiras.
E mesmo isto passa.

Capítulo IV: Divindade

IV.1

Todas as peças do Universo
perdem a sua identidade
quando são outra coisa.

Mas Deus pode ser todas as coisas,
sem, para Si, perder a sua Identidade,
sem, para isso, deixar de saber quem É.

Achas que o Universo
tem um beco sem saída?
Confia!

IV.2

A uma criança dizemos
que o desenho está muito bem,
quando, na verdade, é desprezável.

Defendemos a criança,
porque é criança.

E, por isso, mentimos.

Lembra-te!

Nós nunca deixámos de ser crianças
aos olhos do Universo.

Confia!

IV.3

Quando somos crianças e vivemos sem preocupações,
não damos conta que são os pais que cuidam de nós.

Como será quando soubermos que alguém trata de nós
enquanto humanos adultos?

Confia!

Para ser Um com Tudo, com o Todo, com o Universo,
vais ter de Confiar.

Tal como fazemos perante uma pessoa que gostamos,
cuidamos e desejamos, confiamos.

Confiar em todos os processos, dos quais,
vamos descobrindo desconfiança.

Ao puxar pela dúvida,
obriga-me a trabalhar
a confiança em mim.

Assim, se eu confiar em mim
tanto quanto confiar em Tudo,
já terei algo em comum com Tudo.

Não existe nada mais eficiente,
para a finalidade de nos aproximarmos
ao ponto de ser Uno, que a confiança.

IV.4

O Infinito Absoluto dedica-se por completo ao que criou.
Deus não tem ego, por isso entrega-se a todas as causas.
Sim, eu sei. Eu acabei de me contradizer.
E há muito mais a contradizer-me.

Repara!
Quando o vento sopra, Deus sopra vento também.
Quando tu ficas triste, Deus entristesse-se-te.
Quando tu ficas alegre, Deus alegra-se-te.

Mas não porque Deus sinta algum tipo de empatia por ti,
mas sim porque são uma e a mesma coisa.

IV.5

O escravo pratica o controlo de si.
O governante presta vassalagem ao poder.
O mendigo é mestre na sobrevivência.
O abastado é desatento na perspetiva.
O paciente cura-se pela esperança.
O médico nunca adoece bem.
O místico é enfeitado pelo Mistério.
O sábio parece um arrogante.
O Iluminado é desajeitado nos costumes.
Os demónios não passam fome nas desgraças.
Os anjos têm poucos amigos.
E até um semideus sofre, pois é imortal.

Mas o que é um imortal sem conflitos?
É Deus, que é o Paradoxo, que é a Unidade-e-o-Resto.

IV.6

Era uma vez o João, que tinha uma laranja, uma maçã e um pêssigo. Ele nunca comeu laranjas, maçãs e pêssigos antes. Ele vê que a laranja, a maçã e o pêssigo têm formas e cores diferentes. Ele cheira que a laranja, a maçã e o pêssigo têm perfumes diferentes. Ele come a laranja e depois a maçã, e sente que têm sabores diferentes. Ele conclui que, porque o pêssigo tem forma, cor e cheiro diferente, que o sabor também será diferente. Mas ele não tem a certeza.

Era uma vez o João, o gato Fífiás e o periquito Spike. A consciência é como o sabor da fruta.

IV.7

Imaginemos uma peça em que a cada segundo se metamorfiza aleatoriamente numa diferente forma, e essa aleatoriedade em forma nunca se repetir.

Depois de cada transformação,
ela tenta encaixar-se num orifício
com um determinado formato.

Para o tempo suficiente,
se necessário aproximando-se do Infinito,
irá haver um momento em que a peça
se irá encaixar no orifício.

Imaginemos agora que surge a consciência,
e que observa e anota, assiste pouco idiota,
como as coisas todas encaixam perfeitamente
umas nas outras, no Universo, na Natureza.

Como, na verdade, o fazemos.

Referimo-nos, às vezes, a estes fenómenos como sendo
a manifestação de algum tipo de inteligência intencional,
mas não humana. Mesmo assim, uma entidade racional.

Por outro lado, de uma contrária perspetiva,
o que à partida muitas vezes não reconhecemos,
é que aconteceram muitas tentativas aleatórias
e muitas tentativas espontâneas anteriores,
até haver o encaixe, a conexão, o “de propósito”.

Não existe um interruptor com meia ligação,
nesta propriedade, neste condomínio de Ser.

O encaixe é perfeito porque é completamente total,
pois a ligação uma vez estabelecida é experiencial.

E o que é experiencial, É.

O advento da consciência advém, precisamente,
da peça que encaixou perfeitamente e se reconhecer
como se fosse um interruptor. Sublinho, ligação.

A consciência existe por causa da ordem das coisas,
e a consciência só reconhece a ordem das coisas
pois daí surgiu, à semelhança, do peixe que para viver
de água necessita pelo motivo que daí emergiu.

Dito isto, onde está Deus, que ninguém encontra?
Deus esconde-se por detrás do Vazio.
É onde ninguém vai à procura.

IV.8

Se inventar uma história sobre um ser humano
a ter a experiência de Deus, só me é permitido inventar
uma história com milagres e poderes sobrenaturais.

Se inventar uma história sobre um passarinho
a ter a experiência de Deus, a ninguém favorece,
a história onde ele continua um lídimo passarinho
a cantar belas melodias, sempre que lhe apetece.

IV.9

Qual é a melhor forma para Deus não ser descoberto?
É nós duvidarmos que somos Deus.

“Oh, que pena!
Todos dizem-me que estou errado”, digo-Me.

Qual é a melhor forma para Deus se esconder?
É fazer com que ninguém acredite que se é tal entidade.
De modo semelhante se passa com as mentalidades.

Qual é a melhor forma para uma ideia deixar de existir?
É fazer com que as pessoas não acreditem nela,
que não a incluam como sendo parte de si.

A particular ideia que é Deus, é o que procuro ostentar.
E que ninguém acredita em mim é óbvio notar.

Se Deus estivesse visível,
não iríamos ver nada para além de Deus avistado.
Por isso, ao manter-se invisível, fica tudo Criado.

IV.10

A ignorância de Deus é o ego em nós.
Foi a única escolha verdadeiramente genuína.
Deus foi bom quando escolheu ser ignorante;
assim, deu-nos o sentimento de sermos livres.

Deus ao escolher ser ignorante,
permitiu-se formar todas as coisas.
Não é um erro quando digo:
“Permitiu-se formar todas as coisas.”

Assume o papel do papel e o papel do lápis.
Com este mecanismo conserva-se no Infinito.
Se assim não fosse, as coisas não teriam descrição.

IV.11

O astro sol foi o deus das ancestrais comunidades,
uma vez que se entrou na era da agricultura.

Depois, o homem perfeito foi a cópia de deus na terra,
porque se entrou na era da hierarquia social.

De seguida, foi a união de todas as forças da Natureza,
o fogo, o vento e a água, e entrou-se na era industrial.

O homem, sem demora, tornou-se o reflexo
das suas mecanizações. Eis o paradigma tecnológico.

Agora, deus, é para a vastíssima maioria,
a surpresa contra o aborrecimento e a monotonia.

Para a questão: “Acreditas em Deus?”

Respondem: “Acredito que existe algo para lá do que co-
nhecemos, porque isto não pode terminar assim, com o
que somos e o que temos.”

Tudo isto para dizer que Deus envelhece connosco.

IV.12

Os seres humanos não são mais especiais
que os outros demais animais.

E não é por elevarmos os animais
ao nível dos homens, isto não é possível
porque somos diferentes, mas sim
por rebaixarmos a humanidade
ao nível dos animais irracionais.
Isto já é possível, porque temos intelecto.

A neblina dissipa ao sol,
fenómeno que explicamos com a ciência.

Uma formiga colhe migalhas
e dizemos ser instinto.

Um gato lambe a sua pata,
que reconhece o seu incômodo.

Um homem mira o seu reflexo.
Ó pá! Este já tem consciência.

Quão suspeito é a humanidade dar-se ao pódio?
Proclamam, a neblina, a formiga e o gato:
“Vangloriemos! Que o homem é o maior!”

Não existe, nem existirá o monopólio da Consciência.

Ai daquele que souber ver o seu reflexo
que não num espelho... merece a morte pelo riso,
e, se sobreviver, vai rir até morrer!

IV.13

Tudo vem de Deus.

Mas tudo o que fazemos
nas nossas existências
são sacrifícios de dádiva a Deus.

Paradoxo!
Precisamente por isto,
que Tudo vem de Deus.

Não é o que possuímos,
mas o que usufruímos
que constitui a nossa abundância,
a abundância de Deus,
a abundância da Criança.

A Criança-com-C-grande.

Capítulo V: Mistério

V.1

Mistério resolvido descobre mistério por resolver.
Resolvido o mistério de Deus, resolve este mistério.
Há um mistério que não quer ser resolvido.
Este mistério descoberto por resolver é Deus.

Quererá Deus não querer ser descoberto?
A Criança que quer criar vai revelar,
mas pôr a descoberto a Criação não é criar.

V.2

Há quem diga que somos todos um, apenas.
Que fantasia!

Outros dizem que somos cada um para si, apenas.
Que fantasia!

Com certeza que somos ambos ao mesmo tempo!
Contradição?

Se somos algo que não compreendemos,
estamos mais perto do Mistério.
O Mistério-com-M-grande.

V.3

Ó misterioso Mistério,
quanto mistério mostras tu?

O passado sempre consente,
o presente sempre presente,
e o futuro não é diferente.

Mas mostrando o que mostras,
absoluto sentimento potente
que a vida é sempre em frente.
Mas é apenas uma semente.
Um ponto assente.

Falar do que não se conhece é fácil.
Imaginamos, e depois falamos disso.
Só podemos falar do que imaginamos.
Mas ao conhecer realmente a situação,
imaginamos muitos volumes escritos,
e mesmo assim fica tudo por imaginar.

V.4

Quando é preciso, só mesmo se necessário,
é que penso em Deus, e por pensar,
logo surge para a minha existência.

Porque eu também surgi para a Existência,
com certeza que Deus também pensa assim.
Por isso, como eu preciso deste Mistério,
o Divino precisa de mim.

V.5

Num Universo Infinito, Tudo existe.
Só não existe aquilo que desconheço.
Como pode o Universo conter algo
que imagina o que não contém?

O Universo torna-se mais pequeno
ou muito maior que a observação,
para fugir à sua investigação.

V.6

O Mistério é a luz que ilumina o Conhecimento.
Todas as peças do Universo são a sombra dessa luz.
Se exigirmos o desaparecimento da escuridão,
também todas as peças desaparecerão.

Se viajasse à velocidade da luz
em direção a uma estrela distante,
quicá iria vê-la envelhecer mais pulsante
e talvez iria vê-la explodir lacerante.

Ao passar por ela ou os seus destroços,
iria vê-la parada atrás de mim.

Isto é como a vida do quotidiano.
Quando eu me aproximo de algo,
eu faço acontecer e vejo aquilo
a que eu dirijo atenção mudar.
Quando eu viro as costas a algo,
para mim ficou parado.

Esta é a prova que andamos à velocidade da luz,
ou à velocidade de uma outra coisa qualquer.

V.7

Todos nós temos estilos diferentes
de expressão do Mistério.

Existem diferentes estilos de música.
Embora sejam tantos os variados estilos,
nunca nenhum deixou de ser música.
Até o chilrear dos pássaros
ou o som das gotas a cair da torneira,
é música.

Podemos não apreciar como tal,
mas desde que o tom ou o latido
tenha uma nota ou um batido.
“É quase como o fado desgarrado,
ou a música clássica instrumental”,
eu digo.

Todos nós temos estilos diferentes
de expressão do Mistério e, por isso,
nunca deixamos de estar certos.

Existem apenas preferências distintas.
Uns apreciam mais o fado,
outros mais a música clássica.

V.8

O metafísico é subtil e envolvente,
mais do que toda a matéria e energia.
O Mistério sem nome
junta tudo o que é imiscível.

O metafísico é o estudo do Mistério em si.
Daí um carro ser uma peça que junta
todas as peças de um carro.

Supondo que se deseje um automóvel,
mas ao darem as peças todas separadas,
a função do automóvel está no seu vazio.

Não desejarei um automóvel assim,
pois o que quero é a sua função.

Logo, o que é metafísico é o alicerce do que é físico.
Qualquer funcionamento é Misterioso por Natureza.
Esta é a base da manifestação do que é físico.

V.9

Mas que fonte é essa?
A fonte É essa!
É ser um Mistério.

Qualquer forma de acreditar é placebo.
O segredo é a Fonte, é donde advém o poder,
o placebo, o milagre.

Não é preciso explicar o placebo.
Não é preciso explicar o milagre.
Não interessa o que está por detrás do segredo.

Ser segredo dá lugar a imaginação,
e a imaginação dá lugar à ilusão.
Por fim, a ilusão dá lugar ao placebo.

Quando se reconhece que não existe ilusão,
apenas a ilusão de que existe ilusão,
tudo é uma Verdadeira mentira.

Então, deixa Mentir-me, para criar a Realidade.
Esta é a real Realização.

Capítulo VI: Criança

VI.1

Não há cá faz-de-conta no Faz-de-conta.

Brincar é a derradeira Verdade!

Tu não contas o que fazes?
O Faz-de-conta é Absoluto!

O faz-de-conta do faz-de-conta,
é igual ao Faz-de-conta.

A ilusão de que existe ilusão
leva à Verdade.

Sabemos que alguém não vive na ilusão
quando vive a Realidade,
nutrindo-A e promovendo-A.

Qual é a forma de evitar a Ilusão?
É cultivá-La, nutri-La, vivê-La e promovê-La.

VI.2

Desde tenra idade até chegarmos a velho,
o ser humano vive num Faz-de-conta.
O bebé chupa no dedo e encontra conforto,
talvez por pensar que é uma mama.
O velho joga às cartas e encontra conforto,
pois aqui estamos para sermos campeões.

O que somos é tudo o que precisamos
num Faz-de-conta daquilo que somos.
É por isso que uma soma de zeros dá zero.
Como somos muitos zeros,
damos conforto ao Um.

Zero: é de onde todo o número começa.
Vazio: é de onde tudo nasce.

VI.3

Simular tempo subjetivo nas narrativas,
na literatura ou noutras formas de arte,
simular tempo para criar realidades
é a mais importante das propriedades.
Desdenha o realismo visual e demais sentidos.
Deslembra o realismo das leis da física clássica.

Podemos dizer que vivemos numa simulação,
mas do termo “simulação” eu abdicó com um abanico
porque para o paradigma tecnológico atual aponta rico.
Computadores e afins, apenas, uso cético.

Podemos dizer que é um jogo,
mas do termo “jogo” eu desgosto, pois sou oposto
para um certo género de competição, ainda por cima,
é certo e garantido uma obra-prima que rima.

Prefiro dizer que é uma brincadeira,
mas também não gosto muito desta expressão
porque aponta para um certo gozo pejorativo.

Por isso, este modelo não passa pelo crivo qualitativo,
por ser apelativo para corrosivo.

É apenas como se fosse uma brincadeira ingénua.
Uma brincadeira ingénua de uma criança. Isso sim!
Mas também não gosto da palavra “ingénua”
porque aponta para uma qualidade depreciativa
quando apontada por um qualquer observador crítico.

Vou ter de me desculpar pelo meu atrevimento,
pois como poderei eu, alguma vez,
dizer que a Criança-com-C-grande é ingénua?

Se a Criança está a fazer de conta que sou eu,
eu não posso estar a fazer de conta que sou Ela
porque “eu” sou a Criança.

Nesta perspetiva, Eu não posso estar a fazer de conta,
a não ser a Minha intenção de Eu ser eu.

Então quem é o ingénuo senão eu?
Ah, que bom brincar ingenuamente!

VI.4

Brincar é a atividade que dá mais prazer.
Até os adultos, com a sua seriedade toda, brincam.
Tanto quanto as crianças com os seus brinquedos.

Seja como for o resto das nossas vidas,
quando no final nos apercebermos
que, afinal, tudo foi uma brincadeira,
essa será a paz interior aventureira.

Essa paz é-nos reservada só no final
porque durante a vida sentir-nos-emos normal.
Todas as emoções a que temos direito, teremos.

Só assim poderemos afirmar
que brincámos a sério, no recreio etéreo.

VI.5

Qualquer bebé ensina-nos a ter compaixão.
Quando as lágrimas não correm, são serenos.

Se nos lembrarmos, se a visão tivermos,
de que também chorámos em pequenos,
o rebento far-nos-á sentir vulneráveis.

Todos nós já passámos por certas situações
em que nos sentimos pequenos e vulneráveis.
Nunca te esqueças disto!

Tornarmo-nos pequenos,
tornarmo-nos vulneráveis,
amamenta-nos em permitir
para mais facilmente sentir
compaixão pelo próximo.

VI.6

Ser doce aprende-se pela doçura.
Ser amargo aprende-se pela amargura.
Ser humilde aprende-se pela humildade.
A humildade surge com a humilhação.
Humilhar alguém pressupõe hierarquia.
A hierarquia é o respeito pelo poder.
Pelo poder a humilhação é amargura,
mas pela simplicidade ela é doçura.

Lembra-te!

Que só a simplicidade de cada um
se transformará em doce humildade,
de onde surgirá a compaixão.

VI.7

Ao longo do seu crescimento,
a criança ensina-nos a ser sinceros,
connosco mesmo e com ela.

Porque a criança sabe melhor,
manifestar-se a interrogar,
muitas coisas que em igual número,
nós adultos não sabemos como falar.

Mas dizemos qualquer coisa,
só para não parecermos ignorantes.

Depois, ensina-nos também a ter paciência,
porque a criança irá fazer imensas birras,
que nem sempre conseguimos apaziguar.

As crianças ensinam-nos como questionar,
e educam-nos na compaixão, na sinceridade
e na nossa paciência.

Que mais é necessário para ser humano?

VI.8

O Universo é como se fosse
uma bolha de sabão a ser uma cadeira.
O conceito explode.

Poderão dizer que o Universo é uma dança,
e não uma luta entre a ordem e a desordem.
Mas sempre que sentirmos dor,
reagimos como se fosse uma luta.

É como se fosse uma dança
em que me estivessem a pisar os pés.
Deste modo, não conseguir mais apreciar,
e tampouco capaz de me alegrar.

Mas dirão: “No grande plano, tudo é uma dança
e tudo está correto.”

A consciência tenta focar na macrosfera da dança.
No entanto, porque a dor é a companheira,
a consciência volta para a microsfera da luta humana.

Nesta dicotomia existe uma outra dança,
e uma outra luta, já que cada esfera
pretende manifestar-se para existir e perdurar,
num habitat que é a mente humana.

É na instância última que perdura o Paradoxo,
o Mistério, o último número do Infinito.

Oh, que séria brincadeira, esta, a da Criança!

VI.9

O Nada apaixonou-se pela senhora dos sonhos.
O Nada tinha nada mas desejava ter Tudo,
por isso se apaixonou.

Eu falei comigo sobre Tudo e sobre Nada,
sobretudo Tudo mais um pouco de Nada.

Isto não é acerca de mim, quando a ti oferecer esta flor.
É, afinal, um ser vivo que quer permanecer e prosperar.

Ela manifesta-se através de mim
e o Universo através dela.

“O que te leva a escrever e publicar estas coisas?”

Eu penso e falo, e não é tanto para te convencer,
mas sim para me ajudar a arrumar as ideias.
Eu expresso-me pela mesma razão que as lêis.

Quando a Criança fala comigo, falo comigo sobre Tudo.
Sobretudo Tudo mais um pouco de Nada.

Achas que isto se trata de mim ou de ti?
Tudo isto não anda à volta de mim ou de ti.
Tudo isto anda à roda, sem eixo.

VI.10

Enquanto nos fizermos passar por seres humanos,
teremos de criar sentido conforme os sentidos tiranos.

Quando expomos a Criança
e simultaneamente reconhecemos
que livre-arbítrio não temos,
da perspectiva do ser humano,
fazer sentido em criar propósito,
já só teremos a menos.

Mas quando nos colocamos
no lugar metafísico da Criança,
tudo faz sentido, dentro da lembrança.

Outra tendência que pensamos, é a doutrina,
a de tentar evoluir que somos humanos
para a condição Divina, é a disciplina,
onde o nosso erro abunda sem intento.

Quando, na verdade, somos a Divindade
a interpretar e a atuar o próprio Talento.

No nosso caso em particular,
o papel de ser humano a gesticular,
neste maneirinho palco do mundo.

Num outro caso qualquer,
o papel de outra coisa qualquer
no palco de outra coisa qualquer.

VI.11

O material de construção fundamental
relatado pelo olhar mensageiro,
este material elementar é dual.
Torna efêmero, tudo fica passageiro.

No espaço, o passageiro é o tempo.
No tempo, o passageiro é o espaço.

Só a mudança é eterna,
é a via por onde se caminha,
apenas esta existe sozinha.

A mudança só pode existir no tempo,
e o tempo só pode existir no espaço.

Se o passageiro for o tempo,
perto está a mudança.
Se o passageiro for a Mudança,
torna-se na Criança.

VI.12

Uma alavanca funciona assim:
Numa das pontas é aplicada uma força,
e na outra ponta, essa força manifesta-se
com maior ou menor valor,
dependendo do ponto de apoio.

A vida funciona assim:
Numa dada altura é aplicada uma ação,
que numa outra altura se irá manifestar
com maior ou menor valor,
dependendo do ponto de apoio.

Onde colocar o ponto de apoio?
As crianças são o mais valioso
que a humanidade possui.
Não existe património sem geração!

VI.13

Será o sucesso um meio para atingir um objetivo
ou será o objetivo ter sucesso?

É preciso saber quando parar,
para ter tempo de saborear.

Ao escolher em achar ter ou achar não ter livre-arbítrio,
fará de mim uma pessoa egoísta, se optar em achar ter?

Ser egoísta é ser conhecedor dos meus desejos,
mas é ser ignorante do meu Mistério.

Conhecer o meu Mistério é aceitar o caminho trilhado,
e caminhar é a Transparência aos meus desejos.

Por que é difícil entender não ter livre-arbítrio?
Por que é difícil aceitar não ter livre-arbítrio?

É por sentir-me livre de fazer o que quero,
mas não estar livre de estar livre de fazer o que quero.

A liberdade não é um contrato nem uma lei.
Não é uma condição, mas sim um sentimento.

Hoje estás livre ou sentes-te livre?

Sentir-me livre
é a gratificação do prazer do desejo realizado.

Estar livre
é saciar o ímpeto da Criança.

Desejo é Destino!

Capítulo VII: Amor

VII.1

Amor-com-A-grande é a junção do amor e do ódio.
Poderão perguntar: “Por que é que lhe chamas Amor-com-A-grande?”

Chamo Amor para criar confusão nas pessoas.
Para criar conflito. Para criar o Paradoxo.

E o Paradoxo gere o Infinito.
E do Infinito nasce o Paradoxo.
Foi o Amor que pariu o Ouroboros.

As pessoas não sabem o que pensar
quando chega a ser confuso.
Criam, neste processo, muitos objetos
e materializações do acreditar.

É a tradição a sua tradução ser
como um arco-íris de todas as cores.

Se o Amor é Infinito,
também são Infinitas as formas de ser expresso.

VII.2

O Amor leva à Criação,
a única coisa realmente autossuficiente.

Tudo o resto não é autossuficiente,
mas tudo o resto é Amor.

Incluindo o ódio, que apenas existe
porque o Amor permite essa criação.

Quem odeia, ama odiar.
Se uma dada entidade odiasse odiar,
esse sentimento não seria sustentável
e autodestruir-se-ia.

Daí não existir uma entidade
que odeie e não ame odiar.

Neste paradoxo temos a constante mudança
que leva à Criação.

Como podemos apreender esta contradição
no quotidiano de cada um? Amor é Tudo!

VII.3

O Amor é algo diferente dependendo das idades.
Vai, vem, vai, vem, vai, vem.

É também algo diferente dependendo das pessoas.
Dá, recebe, dá, recebe, dá, recebe.

Sem Amor, nada é possível.
Com Amor, Tudo é possível,
incluindo o Nada ser possível.

Com Amor, é Amor.
Sem Amor, é Amor.
Sem, com, sem, com, sem, com.

Todas estas diferenças têm algo em comum.
É a partilha inexorável.

VII.4

O Amor é Infinita vitória.
O Amor é vitória no Infinito.
Esta vitória é Infinito Amor.
Infinita é a vitória do Amor.
O Amor cria aquilo
que leva Tudo ao mesmo Amor.

O Amor e o Infinito são uma e a mesma coisa,
por isso é que todas estas premissas são Verdadeiras.

No Universo só há uma coisa — é Amor.
E isto é Tudo o que há. Tudo é Isto.

Não se pode ter tudo, mas pode-se ter Amor.

Para Amar alguém que Ama todas as coisas,
só é possível amar essa entidade com Amor
quando se Amar todas as coisas sem temor.
Para além disto, quem Ama assim é sempre outro.

VII.5

É preferível a partilha ser rara, senão perde valor.
Mas que não se interprete isto desfavoravelmente.

A raridade só existe para quem procura e não encontra.
Por isso, a partilha deve ser apenas para quem procura.
Daí vem que o valor é a apreciação das coisas.

Saber apreciar é uma virtude que vem com a raridade.
Quem não encontra, avoluma com o tempo esta virtude.
Sem posse de encontro, possuirá a virtude em dar valor.

VII.6

Por que relaxamos quando os ombros massajamos?
À semelhança de uma couraça que nos tem defendido,
como a carapaça de uma tartaruga, ou o espesso pelo
de um mamífero, ou ainda como os picos de um réptil,
essas são as defesas obsoletas que retiramos.

Mas ao relaxar, massajando,
substituímos a velha carapaça
que nos magoa e se tornou inútil,
por uma nova mais capaz, curando.

Ao massajar as mãos,
aquecemos, não relaxamos,
avivamos, aprontamos para a ação.
Ao massajar os músculos das pernas,
aprimoramos para correr.
Ao massajar os genitais,
aprontamo-nos para o sexo.

Ao massajar a barriga,
ajudamos à digestão.
Portanto, ao massajar,
tiramos o velho e pomos o novo.
Esta é uma outra forma de dar e receber.

VII.7

Foder é um conceito muito antigo
e, por isso, comporta Autenticidade.

Ambos os sentidos intrínsecos da palavra
são anteriores às coisas que se nomeiam.

O sentido do amor e o sentido do ódio.
O ato de criar e o ato de destruir,
mesmo quando dito sem querer, é, na Verdade,
o relembrar que contém nela a Unidade.

VII.8

No esboço, a mulher procura mais
a beleza interna do homem.
No esboço, o homem procura mais
a beleza externa da mulher.

Porque a beleza externa é mais procurada pelo homem,
para a mulher, uma violação é o uso do seu corpo
sem permissão.

Porque a beleza interna é mais procurada pela mulher,
para o homem, uma violação é a obrigação
em demonstrar certos sentimentos, quando não os sente.

Existe o homem que não se importa de fingir
o seu sentimento para agradar ou enganar a mulher.

Existe a mulher que não se importa em consentir
o seu corpo para agradar ou enganar o homem.

No manejo dos parceiros sexuais,
a maioria prefere quantidade a qualidade
porque terá a ver com a alimentação.

Algo instintivo será, pois poderá derivar
da básica necessidade de nutrição.

Se te derem duas cerejas de alta qualidade, passas fome.
Se te derem muitas cerejas de pior qualidade, já não.

Ah, pois! Mas se saciares a fome irás preferir qualidade,
gourmet, coisa requintada e inusitada propriedade.

VII.9

Numa sociedade totalmente matriarcal,
seríamos todos pertencentes a uma colmeia,
sem qualquer particular individualidade,
tal como acontece nas formigas e nas abelhas.

Numa sociedade totalmente patriarcal,
seríamos todos individualistas com reforço
armamentista, elevando a elite imperialista,
tal como acontece com os leões e os lobos.

Nem o homem, nem a mulher, sozinhos,
nenhum é mais eficiente do que o outro.
E juntos, relevam apenas uma paisagem.

VII.10

Conceptualmente, a sexualidade e a assexualidade
não são fundamentos limitados à biologia.

Na reprodução assexuada o indivíduo só se reproduz
quando o ambiente for agradável e favorável, ou seja,
a tipologia do ser funde-se com a ecologia incensurável.

Isso também acontece nos seres vivos sexuados,
mas em vez do meio ambiente oportuno para aprazível,
interessa aqui em ser um ou mais parceiros adequados.

É como se a evolução do meio ambiente
se translada-se para sistemas incrementalmente
mais complexos e somáticos — os seres vivos.

Um casal também só se reproduz obsequiosamente
quando cada um dos parceiros for um para o outro,
agradável e favorável.

Neste sentido, a reprodução assexuada
é sexuada em relação ao meio ambiente.

Há pessoas que desejam ter filhos,
mesmo que não tenham parceiros.
Outras, têm crises e rejeitam-os.

Estes são exemplos de uma relação sexuada
com o meio envolvente — a ecologia consciente.

VII.11

Entre uma cura e um veneno,
entre o desejo e a obrigação,
entre a bênção e a maldição,
entre o pensar e o falar,
entre a flor e o fruto,
entre a gestão e a ocasião,
entre o agir e o reagir,
entre o aqui e o ali,
entre o agora e o depois,
vai a referência e a identidade.
Uma reta e um círculo. Um ponto.

Tudo é sexo, mas não-humano.
A dualidade a ser, apenas Amor a fecundar.

É pelo Amor que aqui estamos,
mas não quer dizer que seja pelo amor humano.

Tudo vale a pena pelo Amor,
mas não quer dizer que seja pelo amor humano.

Quando olhamos para um campo em flores,
estamos a olhar para uma orgia sem pudor,
e nada garante que o Amor-com-A-grande
vá ao encontro exclusivo do amor.

Sexo não é tudo, há muito que fazer!
Reciclar e cuidar, competir e inovar,
progredir e conservar, ultrapassar e melhorar.

Se assim se alcançar um mundo perfeito,
o que é isso senão o eterno orgasmo?

VII.12

Tudo é sexo, mas não-humano.
É a dança das dualidades!

Um conjunto de tradições e rituais ancestrais
é o Tantra, originalmente intencional na tentativa
de descrição da dança Divina de qualquer pelintra.

Olhó Tantra em tudo!
É o entrelaçar e o enredar para os nós eclodirem.

O sexo entre a montanha e o vale
formam uma paisagem.
O sexo entre a roda e a carroçaria
formam um veículo.
O sexo entre as letras
formam a palavra.
O sexo entre a água da cascata e o ar,
formam as bolhas da espuma.

O conceito de tecer e juntar para fazer emergir e aflorar,
à semelhança com o Tao, é uma das formas originais
e primárias de descrição do mundo.

VII.13

Dizer, apenas, que tudo é amor,
é a forma fácil de descrição do Universo.
E por ser fácil, é também fácil de ser mal-interpretada,
por tomarmos uma posição parcial e enviesada.

De facto, tudo é Amor, mas este Amor
não é humano e contém também o ódio.

Por isso, é preferível dizer que tudo é sexo,
pois a palavra “foder” aplicamos, curiosamente,
tanto para o amor como para o ódio,
em todas as línguas praticamente.

Assim, traz de volta a velha questão:
para o Universo qual é a original descrição?
É o Tantra, a descrição do Universo
como sendo uma Foda autofecunde.
É também o Tao a caminhar
o percurso Natural da Natureza.

Deste modo, juntando, figurativamente,
o Tao com o Tantra, temos, requintadamente,
o Caminho tecido pela dualidade.

Quando dizemos com propriedade: “Que se foda!”
Estamos, na verdade, a dar Transparência
para se manifestar o Universo fractal,
confiando plenamente na sua Descrição,
numa entrega total.

VII.14

A prática no quotidiano é o reencontro com o Infinito,
o encontro da minha Mãe e do meu Pai que me geraram.
Este reencontro não tem utilidade alguma,
mas gosto de os visitar, da mesma forma
que gosto de ir visitar os meus pais biológicos.

VII.15

Tu não sentes que és o prolongamento do teu sexo?
Tu não sentes que és o reflexo da tua sexualidade?
Somos sexos com pernas e braços. Não te iludas!
E isso não é pouco, é Tantra.

O mundo é o reflexo da sua Sexualidade.
Assim é o Ímpeto da dualidade.

VII.16

O orgasmo com ejaculação é o pináculo do ego.
Sem ego, o orgasmo é o lastro do Universo.

A qualquer tempo, pode ser agora.
Em qualquer sítio, pode ser aqui.
Com qualquer objeto, pode ser aquilo.
Com qualquer pessoa, pode ser aquela.

Vai do animado ao inanimado.
A convergência da eternidade
é a concreção do Infinito.

Atenta somente à colossal Orgia!

VII.17

Sexo a mais são ervas daninhas na vida.
Mas uma vida sem sexo é como um jardim sem flores.

O Universo é Amor, mas não é amor humano.
Se isso for confuso, então deixa-me reformular.

O Universo é Sexo, mas não é sexo humano.
É como falar do sexo das flores e dos fungos,
não nos excita particularmente.

Ai, se de alguma forma pudesse ser uma flor
de uma erva daninha, ou um esporo de um fungo,
ou o Universo, ou o tubérculo de uma outra planta...

O Universo é Sexo, mas não é sexo humano!
Nós, bichinhos e plantas, e todas as coisas,
tentamos exprimir a sexualidade do Universo.
Mas, sempre, cada um à sua maneira!
Uns como humanos, outros como outra coisa qualquer.

VII.18

É a semente que germina no terreno,
e não o terreno que germina na semente.
A minoria é a semente, a maioria é o terreno.

Se a maioria fosse a semente,
jamais se sentiria a mudança.

A palavra “mudança”, se se pudesse autorrealizar,
seria algo em constante Mudança.

A palavra “carro” seria uma caixa com rodas e volante.
Já a palavra “para”, cessa a sua existência.
Porém, ela continua a existir, porque lhe dou Mudança.

Mas a palavra “Amor” é aquilo que cada um quiser.

Desejo que o seu sentido seja ilimitado e Absoluto
e, por isso, esta palavra por si só, se verte para o Infinito,
pois cada um autorrealiza-a de forma diferente, aliás,
como a autorrealização de qualquer outra palavra.

Daí o Amor existir em Tudo.

Amor é Destino!

Capítulo VIII: Destino

VIII.1

Aquilo que chamamos o certo e o previsível
é apenas algo que sabemos explicar.

Aquilo que chamamos o acaso ou aleatório
é apenas algo que não sabemos explicar.

É apenas e só Isto.

Eis a prevalência do Destino
que açambarca o indescritível e eterno Mistério!

VIII.2

Se isto não é perfeito, então não sei o que será.

Se não sei o que será, então é uma incógnita.

Se é uma incógnita, é perfeito quando o digo.

Eis o grande Destino, Destino dos destinos!

VIII.3

O Paradoxo intelectualizado não faz sentido,
mas quando sentido faz sentido.

Antes de ser, escolhi esta existência.
Agora que sou, nada escolho.

Existe livre-arbítrio? Sim e não.

Quando nos sentimos com livre-arbítrio,
mas não temos livre-arbítrio,
possuímos o Paradoxo expresso,
temos a conservação do Infinito.

Somos todos um acaso nascidos do Além.

E o Infinito orienta-se.

Poderão dizer: “Não acredito muito nisso,
pois penso que existem forças que unem tudo.
Nada é por acaso!”

Ao qual direi: “Foi o que eu disse.
O acaso é apenas uma palavra
para unir o que desconhecemos.”

VIII.4

Afinal, o que queres acontecer?
Eu aconteço, tu aconteces. A vida acontece.

Nós fazemos parte dela e passamos testemunho.
Se não fores ao encontro de certas coisas,
tais como dificuldades e sacrifícios na vida,
a vida levar-te-á a elas de uma forma ou outra.

Se flui, corre. Quando em círculo, circula.

VIII.5

Influenciar as nuvens,
falar com os bichos e curar os doentes.
Ao vislumbrar o futuro prevejo a chuva,
conheço os animais, arrisco certo e escolho
quem quero como cliente ou paciente.
Isto é ser humano experienciando a Divindade.

Depois, há a Divindade sendo Divindade.
Isto é ser a Mudança.

Mas nada garante que ao ser a Mudança
haja humanidade.

Toda a mudança vem com a necessidade,
e nenhuma necessidade acontece porque se quer.
É sempre difícil fazer mudanças,
seja da casa ou do coração.
Mas acaba sempre por ser o melhor,
assim lá mais para a frente,
porque para ter perspetiva
é preciso ter pelo menos dois olhos.

Para quem conhece o Infinito,
todas as mudanças deixam de ser penosas.

VIII.6

Onde começa o jogo de futebol?
Começa dentro do campo?
No balneário?
No quadro tático?
Na motivação dos jogadores?
Na vida pessoal dos jogadores?
E as suas vidas,
que estão relacionadas com todas as outras vidas?

O jogo de futebol começou com o Big Bang.

VIII.7

Não conhecemos o futuro, por isso
é irrelevante ponderarmos se a vida
é ou não patentemente predestinada.

A condição do ser humano é ser ignorante,
e é perfeito na sua ignorância. Esta é a nossa natureza.

Vive a vida como gostarias que o mundo fosse,
pois representas aquilo que és. És o que representas.

Se ficamos na história ou como ficamos,
não somos nós a decidir, mas sim a História.

VIII.8

É fácil adivinhar o futuro.
O futuro adivinha-se Lindo,
porque o futuro é maravilhoso,
aborrecido, triste, emocionante,
mortal, aflitivo, fascinante,
favorável, feliz e doloroso.

O futuro é Querido, por isso é lindo,
porque afasta-se o que é feio.

Para ler o livro do Destino,
não é preciso saber ler.

Para lá espreito, e agora
sou citador do pormenor.

VIII.9

As máquinas ajudam no trabalho.
O homem sempre é substituído.
Quando a máquina cuidar da máquina,
o homem fará algum sentido?

Assim a máquina já não precisará do homem,
e depois o homem já não precisará da máquina.

A máquina que cria a vida,
o homem que foi uma máquina.

VIII.10

Após alcançarmos o que queremos ser,
mestres de tecnologias inverosímeis,
viajantes do espaço intergaláctico,
heróis mutantes com poderes extraordinários,
e demais fantasias do que há de vir.

Mais do que saber como será
esse mundo do amanhã,
gostaria, em vez disso,
conhecer as nossas fantasias,
aquelas que iremos imaginar.

Qual será a imaginação da vindoura geração?
É apenas uma descoberta, cada invenção,
sobre como as coisas do futuro destino serão.

VIII.11

Quem diz que tem de ser?!
O patrão, o polícia, tu, eu?
Tem de ser! O que tem?
Tem ser.

Tem de cão, tem de gato,
tem de humano, tem de ser.

Quem manda aqui?!
É o “tem de ser”, porque tem Ser.

VIII.12

Não pises as plantas com indiferença,
pois elas ajudam-te mais
do que alguma vez possas admitir.

Não olhes os animais com desprezo,
pois eles ensinam-te mais
do que alguma vez possas entender.

Não te sintas arreliado
com a irreverência do sopro do vento.

Não te sintas injustiçado
com a impiedade do calor do sol,
porque por tudo isto um dia vais chorar,
como um alambique o mundo destilado.

Quando toda esta nossa importância e grandeza
se resumirem a umas pérfidas lágrimas,
então essas doces gotas vão cair sobre a terra
e regar as plantas.

Mas acima de tudo,
não debes dar ouvidos seja a quem for,
e tampouco atender a estas palavras,
porque as plantas precisam de ser regadas.

VIII.13

Ter tudo sob controlo é ser Destino.
E ser Destino é entregar-se ao Destino numa aquisição.

É impossível ir contra a corrente mesmo nadando contra,
porque a corrente levar-nos-á para onde ela Desejar.

Quem nadar a favor da corrente
irá conhecer mais margem.

Quem nadar contra a corrente
só terá a vida mais difícil.

Assim é a Transparência-com-T-grande.

Capítulo IX: Transparência

IX.1

Este aceitar não é indiferença.

Sim, é claro que fico triste,
mas não me importo de ficar triste.

Sim, é claro que fico preocupado,
mas não me importo em ficar preocupado.

Eu luto, eu importo-me,
mas não me importo em importar.

Esta é a subtileza da Transparência.
A tal Atitude-perante-as-coisas.

IX.2

O poder vem com a liderança sobre a vida,
mas o verdadeiro poder pessoal
vem com a Transparência para a corrente
através de cada um.

Ninguém tem o poder de dominar o Poder.

“Só fazeis isso por ser uma desculpa
para serdes quem sois, eu vos digo.”

IX.3

Qual das razões tem razão?

A que é projetada para o futuro,
ou a que é transladada do passado?

A razão subjetiva é relativa ao futuro.
A razão coletiva é objetiva e concreta.
Esta é factual e tem a ver com o passado.

Existe a razão do futuro e a do passado.

“Por que razão o livro se manchou?
Porque deixei cair chá em cima.”
Esta é a razão com coloração do passado.

“Por que razão o livro se manchou?
É para aprenderes a ter mais cuidado.”
Esta é a razão com coloração do futuro.

E qual é a razão do presente?
Esta não tem cor — é Transparente.

IX.4

Se eu acreditar que tu acreditas no que dizes
e se tu acreditares que eu acredito no que digo,
aceitar-nos-emos incondicionalmente,
mesmo tendo opinião diferente.

Se não reconhecermos que acreditamos
verdadeiramente no que dizemos,
aceitar-nos-emos condicionalmente,
dependente hierarquicamente.

Reconhecer é ser Transparente.

IX.5

Honestamente. Saberás como é suposto a vida evoluir?
Suponho que não. Então para de controlar!
Mas só se quiseres.

Honestamente. Sabes o que existe para lá da morte?
Suponho que não. Então para de controlar!
Mas só se quiseres.

Para além de pensar que sabes,
existe um pensar que não controla o controlar.

É apenas Transparente.

IX.6

Como é que esta teoria pode estar errada,
se está certa apenas quando também está errada?

Como é que se pode considerar errada,
se, à partida o arbitrar a considera falsa,
mas a nascente de si fizer de conta
que está predestinadamente certa?

Saber que a teoria está errada, mas agir como certa.
De facto estar errada e mesmo assim estar certa.

É impossível apontar algo de errado nela
porque ela engloba a errata.

Quando chegarmos à última das erratas,
esse ser o texto principal.

O texto principal,
agora, como um anexo de si mesmo.

A única desvantagem nesta teoria,
é a de não ter uma derivação prática,
ao contrário da moralidade
e demais disciplinas humanas.

Tem, porém, uma aplicabilidade
que leva a uma total subjetiva integridade.

É a Transparência-com-T-grande,
que, ao fim ao cabo, leva a tudo o resto.

Poderão dizer: “Manuel, tu és muito confuso.”

Se quiserdes que vos explique melhor,
direi o seguinte: “Tudo é uma grande Foda bem dada.
Aliás, tudo foi, é, e será uma grandessíssima Foda.
Agora, ponham uma errata nisto.”

IX.7

Os pensamentos estão todos encadeados,
tal como os nossos atos.

Vemos que as coisas estão todas encadeadas
e, por isso, unidas num evento único. Tudo é Um só.

Mas atenção, é tudo um só e não é!
Pois não queremos que seja incompleto ao ser só um só.

Poderão dizer: “ Mas, Manuel, tu não sabes se é mesmo assim.”

Ao qual direi: “Obviamente que não é possível descrever a Realidade exatamente como é, apenas digo que é possível sentir que assim É.”

IX.8

O Entendimento e a sua expressão linguística,
é apenas Arte. É puro Entretenimento.

O que torna possível conhecer a Realidade
é aquilo que se sente ao ser a Identidade.

Cada coisa é igual a si mesma em propriedade,
e é característica igual à Realidade Absoluta.

É o que nós somos neste palco,
quando tiramos toda esta maquilhagem do mundo.

Mas será que uma pedra sabe que existe?
Ela tenta persistir a cada momento também,
como um animal.

Não sei se ela apreende a realidade
como apreendem os humanos.

Não sei se ela sabe como sabem os humanos,
mas sabe, com certeza, à sua maneira.

E que maneira é essa? Eu não sei.

Mas sei que é à sua maneira
porque tudo é plenitude de si mesmo,
o fundamento e o afunilamento
de todo o Consciente envolvente.

É esta a característica que temos em comum,
é o que nós somos sem a maquilhagem.

E como é que sei que somos esta característica?
Só sentindo. Quando não se sente isto, não é assim.

Capítulo X: Plenitude

X.1

A aceleração da diversidade é implacável,
pois todas as pessoas apreciam muito qualquer coisa.
Porque muito se pariu e depois se partiu,
“qualquer coisa” é a mais apreciada.

Daí que, se o respeito for respeitado,
o seu benefício é beneficiado.

As gaivotas, quando acompanham o barco,
é evidente que elas gostam da companhia.

No entanto, uma ave pensa como uma ave,
e uma pedra pensa como uma pedra.

Como posso inferir tais coisas, se são tão diferentes?

Poderei estar errado, mas poder posso,
da mesma forma que toda a diferença
é semelhante na ausência da sua substância.

Esta é a essência da Plenitude.
O Nada que se preenche, sempre, à sua maneira.

O sentimento leva à vontade,
que leva ao pensamento,
que leva à intenção,
que leva à ação,
que leva ao sentimento.

O que veio primeiro,
o sentimento ou a ação?

Vieram ambos do Infinitesimal,
que é o interior de cada um,
que vem do Infinito,
que é o exterior de cada um.

A tal Atitude-perante-as-coisas é subtil.
É igual ao Divino, ao criar sem criar.
Passa despercebido e quase não se nota,
pois é pequeno como o Infinitesimal.

Não interage no sentimento, nem na ação,
mas faz toda a diferença.
A tal Atitude-perante-as-coisas é um meta-sentimento.
Um sentimento sobre o sentimento inicial.

Por isso, a única redenção
passa pela tal Atitude-perante-as-coisas,
que se encontra nas primeiras entrelinhas.

X.3

A experiência de saltar para a água da ribeira
tem o seu prolongamento aqui: nós falarmos acerca da
experiência neste pátio.

“Senhor, ao exclamar para escutarmos aquilo que tem
para nos dizer, porque já passou por elas, porque já teve
esta experiência de saltar para a água da ribeira, diz-me,
na verdade, que não tem ainda a experiência suficiente
de saltar para dentro da ribeira para perceber que o gaia-
to tem de ter ele próprio essa experiência. Tal como eu,
ainda não ter a experiência suficiente em comentar a to-
mada de exemplo de alguém.”

O adolescente é rebelde e irreverente,
testando e descobrindo os limites.

O adulto é condescendente,
aprendendo constantemente a ser maduro.

E o mais idoso tenta apaziguar a sua mente,
aprendendo a morrer em paz.

Todos aprendemos a ser no que nos tornamos.

X.4

Este é o ser cuja vida é Plena.
Esta é a régua cuja escala se usa por completo.
Esta é a ideia cujo pensamento é igual.
Então qual é a Plenitude que não é Plena?

Esta é a descrição cuja Plenitude transborda.

Por isso, é preferível não fazer comparações;
de outra forma, o verdadeiro poder é corrompido,
torna-se apenas poder, e este apodrece e cai.
E faz cair.

X.5

Quando nos comparamos uns aos outros:
“Ai, que graça!” e “Ai, que desgraça!”
Até parece que a vida é uma corrida.

É suposto a morte ser a meta?
Se não for, então qual é a pressa
de uns passarem os outros à frente?

Até se pode não ter um plano coerente,
com a morte de fundo e urgente.

Mas, se a um plano de vida estiveres alguém,
sempre farás parte de um plano de alguém.

X.6

A inteireza da manobra sapiente,
a plenitude da evolução é a seguinte:

Enquanto nós, como crianças,
vivemos genuinamente como uma criança vive.

Enquanto nós, como adolescentes,
vivemos genuinamente como um adolescente vive.

Enquanto nós, como adultos,
vivermos genuinamente como um adulto vive.

Enquanto nós, como idosos,
vivermos genuinamente como um idoso vive.

E se, a cada final, estivermos presentemente
bem connosco, então estivemos Plenos
e continuamos Plenos, cuja Plenitude
se propaga em cada degrau da Eternidade.

Se, porventura, em algum destes finais,
acharmos que não estivemos presentemente
bem connosco, então também não haveria
história para contar. Mas a Vida conta.

X.7

Não é possível ter o presente, apanhar o Agora.
Ele é efêmero, já que nos escapa entre os dígitos.

Para sentir o Agora, é preciso encurralá-lo.
É preciso sentir o passado presente e o futuro em mim.

De tal modo, é como se não existisse o tempo.
Não se tratam de possibilidades, mas sim do futuro.

O potencial a ser, em mim e Agora.
Os três tempos num ponto. A trindade na Unidade.

Tentar apoderar o presente,
classicamente viver o “carpe diem”,
viver cada momento intensamente,
não é possível porque é fugaz.
Exige uma constante busca,
mas constantemente insatisfeita.

Esquece em focar o presente subtil,
abarca o passado porque é imediato,
e pega o futuro com desejos e receios.
Tornam-se o passado e o futuro, presente,
e é assim que se aproveita cada instante.
Este é o estar Presente no aqui e agora.
Esta é a Iluminação de cada momento.

Para definir uma linha
é preciso ter muito do que a linha divide.
Tendo o futuro e o passado,
o presente fica encurralado.

Capítulo XI: Iluminação

XI.1

Não penses que ser Iluminado é algo especial.
Ser Iluminado é apenas reconhecer
a sua própria identidade.

Se um dia declarares que atingiste a Iluminação,
então é porque descobriste quem és.

Mas como poderá alguém ter a certeza que é Iluminado?
Quando não souberes quem és, estarás na sombra.
Quando souberes quem és, estarás na luz.

Mas para conhecer a totalidade do que se é,
é preciso conhecer a totalidade do que não se é.
E para conhecer a totalidade do que não se é,
é preciso sê-la.

Como é que eu sei que é assim?
Ora, não se trata de eu estar certo ou errado,
mas em fazer-me entender e de perceberes o que digo.

Poderás até dizer que percebestes o que disse,
e que mesmo assim, achas que estou errado.

Na verdade, se percebesses o que disse,
dirias que ambos estamos certos e errados
ao mesmo tempo. Ao mesmo Tempo!

Para alguém descobrir a ouvir,
é preciso na ideia comunicada imergir.
Assim, acaba por ser mais difícil falar
de forma clara as próprias ideias,
porque estamos condicionados a escutar
as da outra pessoa que tentamos assimilar.

A ideia que comunico é a ideia de que ambos
estamos certos e errados ao mesmo tempo.
Imerge, aqui, de uma vez por todas!

Somos a mesma coisa com diferentes manifestações.
Certos e errados, iguais e diferentes, ao mesmo tempo.

Percebes? Ao, mesmo, Tempo!
E é este Paradoxo que me é querido.
E mais não sei descrever.

XI.2

O Iluminado coloca-se de consciência aberta
para não mais existir e, assim, tudo preencher
o seu cadáver existencial.

O Iluminado reflete em si a sua Consciência,
Infinita, precisamente por estar aberta.

O que posso eu dizer mais?! Nós discordamos.
Mas posso-te dizer que um dia concordaremos.

Bem-apesoada esta batalha para assegurarmos
as nossas discordantes e bagunçadas posições.

Poderão afirmar: “És tu que terás de mudar para entrar-
mos em concórdia e não eu”.

O Infinito contém todas as mudanças.
O Iluminado não vai de encontro a ideologias,
mas vai de encontro a todas as pessoas.
E, ainda, ao encontro dos bichinhos e das nuvens.

Para qualquer particular tema,
se argumentarem ser assim ou assado,
dir-lhe-á que tem razão, o Iluminado.
Porém, estar Errado é razão suficiente,
por conseguinte, o Iluminado também é gente,
porque terá de ir ao encontro de si.

Deste modo, nunca estará desacetado,
mas também nunca será compreendido.
Assim é o Universo. Assim é o Mistério.

XI.3

A Iluminação é um processo que acaba, quando,
para além de se entender intelectualmente
que nunca acaba, se sente Infinito.
É acabar e não acabar,
a permanência da impermanência.

Tu não me vês Iluminado porque não és.
Eu sei que és Iluminado porque eu Sou.

A Luz faz-se sobre a Identidade paradoxal.
É na singularidade que acontece a questão.

Não é possível conhecer a retórica singular
do que acontece para lá do horizonte de eventos
num buraco negro. Mas podemos imaginar.

Pressupondo que entre as infinitas possibilidades,
apenas uma se descobrirá tão exclusivamente só.
E sabemos que se houverem infinitas mentes
a imaginar infinitas efusivas possibilidades,
que uma delas irá estar certa, eventualmente, se
as infinitas possibilidades da singularidade for menor.

Essa pessoa que imaginou a possibilidade correta,
a possibilidade revelada factual, será que é especial?

E como é que saberíamos, ao menos,
qual é a pessoa que imaginou a possibilidade certa,
quando a sua imaginação nunca se revelar
no estudo astronómico sobre o buraco negro?

Só a própria pessoa que imaginou a solução singular,
poderá saber para si se está correta na sua conclusão.
Por isso, todos podemos sentir-nos certos e especiais,
se imaginarmos com muita convicção.

Ah, que alívio!

Ainda bem que todos nós nos podemos iludir,
pois esta é a única e possível salvação.

Capítulo XII: Dualidade

XII.1

Era uma vez uma vez,
que dividimos uma vez em duas vezes,
uma vez que uma vez não é vez, se for tudo o que vês.

Ora, duas vezes começam numa vez,
e uma vez começa na vez que Tudo fez.

Dessa vez, essa vez, comparava-se a quê?
A uma vez e a outra vez, num Tempo Sem Vez. Absurdo!

Portanto, era uma vez duas vezes.
“Ai que pari a dualidade!”

XII.2

O que é mais correto?
Trazer bondade dentro da maldade
ou trazer maldade dentro da bondade?

A primeira parcela desta questão
inspira um final feliz.
A segunda inspira falsidade.

Mas, na primeira, a maldade ocupa mais espaço;
para a maldade conter a bondade, tem de ser maior.
E na segunda é a bondade que ocupa mais espaço.
Eis a descrição do Universo.

XII.3

O pavão que mostra as suas penas.
O leão que ruge mais alto.
A fêmea que se mostra delicada.
O macho que se mostra valente.
A lua nova que parece desaparecer.
A lua cheia que diz ser especial.
O lojista que coloca um espelho
para a sua loja parecer maior.
O vendedor que burlou o desatento.
O comprador que fez um bom negócio.
O herói do filme que salva o mundo
e o vilão que se finge de morto.

Toda a gente engana toda a gente.
Tudo é uma fraude, mas sem prejuízo,
pois há uma certa magia neste encontro.

Se é um balançar para aqui e para ali,
então é como dançar.

XII.4

Mais depressa sai um camponês
da boca de um nobre
que um camponês sai do campo.

Mais depressa sai um nobre
da boca de um camponês
que um nobre sai do palácio.

Fácil é contar uma nuvem num céu azul.
Difícil é contar uma nuvem num céu encoberto.

Por isso, para ver o mal ou o bem,
tudo depende dos olhos que a pessoa tem.

XII.5

Quanto menos amigos se tem,
menos se lida com a morte,
pois não se é companheiro de funerais.

Quanto menos inimigos se tem,
menos se lida com a morte,
pois não se é companheiro de guerras.

Mas sem amigos nem inimigos,
é como se estivesse morto.

Para as minhas pernas, correto é caminhar muito;
e para mim, doloroso é sentir os calos.

Para os meus olhos, errado é olhar para o sol;
e para mim, bonito é apreciar o ocaso.

Com as raízes e as folhas,
as plantas procuram água e sol.

Quanto mais crescem mais se expõem,
mas boas são as tenras alfaces.

As rochas são erodidas pelo vento e pela água,
essas são as suas inimigas.

Depois são transportadas pelo vento e pela água,
essas são as suas amigas.

Basta ter um ou outro, para se ter um e o outro.
Ser amigo é valorizar, e valorizar a inimizade
é ser amigo duas vezes.

XII.6

Se a cor branca é a mistura
de todas as frequências eletromagnéticas
do espectro visível.

Se a luz branca é a que ilumina
todas as formas e expõem todas as cores.

Então, deixa-me ser o vermelho da paixão e da ira.
O amarelo da felicidade e do decaimento.
O verde da proteção e da inveja.
O azul da serenidade e da hierarquia.

Se quisermos ser a luz branca,
teremos de ser tudo a que temos direito,
que é todo o espectro do conhecimento,
que é iluminado porque é visível.

Se não me deixarem ser todas estas cores,
então serei sombra.

XII.7

O comportamento de uma espécie
é a descrição do comportamento da maioria.

É evidente a existência de exceções.
Evidentemente que isso é bom. Essas são as minorias.

Existirem pontas soltas é necessário em todas as coisas.
Assim, se as propriedades da maioria não se validarem,
sempre existe um escape para um outro ramo evolutivo.

A minoria poderá vir a ser a maioria e o estabelecido,
quando se verificar que a maioria estabelecida agora,
não se adaptar às mudanças do ambiente que a contém.

XII.8

Quando a vida corre bem, convém dar.
E para dar, é preciso ter.

Quando a vida corre mal, convém aguentar.
E para aguentar, é preciso largar.

Dar, mas ter. Aguentar, mas largar.
Parece contraditória esta observação,
mas conclusões contraditórias
são descrições conclusivas,
e todas as teorias são ruído mudo.

Poderão afirmar que o que digo
é que somos insignificantes
e nada mais vale a pena.
Mas não é isso que digo.

O que digo é que somos todos uns zeros,
mas que mesmo assim, Tudo vale a pena.

O que descrevo é uma dualidade
ciclicamente fractalizante e autorreferencial.

XII.9

Destruir é construir ao contrário.
Construir é destruir ao contrário.

Todos nós temos dividendos
bons e maus uns dos outros.

No Fim, toda a gente é toda a gente.

XII.10

Para entender deveras um conceito,
há que saber o que é e o que não é.
Esta minha declaração é um conceito.

Sem discussão com os demais pares,
comigo mesmo ou com outras gentes,
não surgirão conceitos a destilar.

Por que é possível questionar
dentro das nossas mentes
acerca de nós mesmos?

Será por sonhar desvelado
que me deixa desconfiado
ao acordar?

Torna-nos autoconscientes,
lembrar o sonho na vida casual.
Sonhar é uma prática natural
para a consciência despertar.

Para ter uma identidade humana
terão de haver outros humanos.
Para a realidade, terá de haver outro sonho.
Para a noite, terá de haver o dia.
Para a vigília, terá de haver o sono.
Para o conceito de conceito,
terá de haver o conceito de não-conceito.

Mais um conceito concedido,
mas este problema é fodido.

XII.11

Ser extremo
não é assim tão estranho,
nem sequer assim tão raro
ou de alguma forma especial.

O mais estranho é ser o Meio.
Mas não é um meio qualquer.
Se não for o centro Absoluto,
é apenas mais um extremo.

O centro impreterivelmente preciso
é Absoluto.

É o eixo que controla todos os extremos.
Esse eixo tem um só lado,
mas vira-se para todos os quadrantes.
Esse centro é o ser neutro,
mas não é um neutro qualquer.
Não bloqueia, mas abre,
pois vira-se para todo o lado.

Rodopia!
Olha para tudo e atende a todos,
porque sente o que vem.

Atenção!
Não é um neutro qualquer.
Se for um qualquer, é um extremo.

Agora que pensastes num eixo fino e delicado,
pensa num eixo grosseiro e tosco.

Capítulo XIII: Imortalidade

XIII.1

O tempo não se conquista.
Ou nos conquista
ou se torna num aliado.
As pessoas de grande força
fazem amizade com ele.
Não se importam do tempo
fazer cruzar e entrelaçar.

Ao elogiar a sua passagem,
acabam por galopar juntos
por tudo o que lhes rodeia.

Todas as pessoas acedem a essa simpatia, mas é raro.
E por que é que é raro? Porque não há paciência.

XIII.2

Entre o imaginar e o trabalhar para ter,
vai uma potência do tamanho do mundo.
Entre o vislumbrar e o vir a ser,
vai uma potência do tamanho do tempo.

A humanidade pode conquistar o mundo,
mas o tempo não se deixa conquistar.

Agora, somos aquilo que no passado
imaginávamos ser no futuro.

Mas a imaginação não era nossa.

Era um vislumbre do futuro
que agora é presente.

XIII.3

O Universo, quando se formou, era quente.

O sistema solar, quando se formou, era quente.

O planeta, quando se formou, era quente.

Quando as pessoas se apaixonam, é quente.

E depois, tudo esfria.

Só a novidade, só a criação,
pode trazer novo fogo.

A sensação da falta de novidade
é a mãe de todo o sofrimento.

A novidade existe sempre!

No entanto, raramente somos capazes
de distinguir a sua significância e magnitude.

Para tal, basta ficar quietinho, paradinho,
enraizado, firme e em silêncio.
Mas só no seu interior.

XIII.4

O segredo da longevidade é o seguinte:

O tempo podemos aproveitá-lo ou não,
quando temos muito tempo na nossa mão.
E, também, podemos aproveitá-lo ou não,
porque temos muito tempo na nossa mão.

Esta longevidade até transborda entre as frases!

Porém, a flor espera a abelha para polinizar.
O ovo espera a galinha para chocar.
O prego espera o martelo para espetar.
A terra espera a posição do sol para rodar.

Se algo ou alguém esperar por ti,
o tempo será implacável.
Se nada ou ninguém esperar por ti,
o tempo nada quer contigo.
Se o tempo nada quer contigo,
não podes existir no espaço.

Tem cuidado com o que desejas,
pois ser mortal é ser humano.

XIII.5

Se fosse imortal viveria de forma perigosa.
Como vivo perigosamente mortal,
será que a essência de mim é imortal?

O presente encontra-se entre o somatório
de todo o passado e o prefácio de todo o futuro.

Se uma pessoa dominar o Passado e o tornar presente,
o tempo não passa por ela, mantém a juventude da Alma.

Mas pode correr o risco de viver no passado,
não aproveitando o mundano quotidiano,
tornando-se num imortal prisioneiro de si mesmo.

XIII.6

O segredo da abundância e prosperidade
é deixar as coisas degradarem-se primeiro,
até deixarem de ser funcionais, e só depois inovar.
Deste modo, obtém-se a cobiçada e rica novidade.

Todas as coisas têm o seu curso no tempo,
quando ao tempo for permitido erodir as coisas.

No entanto, realço, Tudo de uma só vez
degrada o tempo. Tudo, de uma só vez, inutiliza o tempo.

Este é o zero Infinito, o abrangente Paradoxo.

XIII.7

O tempo é a relação entre as coisas.
Já não há tempo para se perder tempo,
nem sequer tempo para a inutilidade.

Mas, como?

Quando a relação entre as coisas
for a legítima e compulsória utilidade?

Ah! A inutilidade faz tão bem!
Dar uma passeata existencial e tal...

Às vezes, nem nos apercebemos,
como uma corrida a vida que vivemos.
Depressa para acabar a escola.
Depressa para arranjar um emprego.
Depressa para comprar uma casa.
Depressa para ter filhos.
Depressa para projetos.
Depressa para ser útil.

Dá impressão de que quem mais depressa
ao fim chegar é quem irá ganhar.
Mas quem depressa chegar ao fim,
chega rapidamente a ser inútil assim.
O fim é ser inútil?

De uma coisa nunca me vou esquecer.
Mais vale comer a sobremesa devagar e saborear,
do que comer à pressa e ter a dor de barriga que tive.

XIII.8

Projetamos a ideia que somos viajantes na paisagem.
Em vez disso, imaginemos que somos
a paisagem onde o tempo é o viajante.
Quão mais apaziguador é esta ideia?

Quando somos crianças, o tempo é imenso.
1 ano demora muito tempo a passar; no entanto,
quando somos idosos, o tempo passa rápido.

Se vivêssemos 500 anos, sentiríamos, subjetivamente,
1 ano a passar muito mais rapidamente.

Se vivêssemos 1000 milhões de anos,
então aí sentiríamos 1 ano a passar,
como 1 segundo passa no nosso atual
referencial subjetivo e temporal.

Por fim, se vivêssemos para sempre,
1 ano seria uma unidade Infinitesimal,
no tal referencial.

Apenas um instante. Como este.
Esta é a prova de que as nossas Almas são ancestrais.
Para verificar isso, é necessário discernir o Momento.

XIII.9

Certo dia fui passear para uma floresta mesozoi-
ca inventada com o meu amigo imaginário. Encontrámos
um guarda-florestal que nos avisou para não nos aproxi-
marmos das araucárias, porque estava na época das pi-
nhas caírem e, sendo do tamanho das nossas cabeças,
nos podiam magoar. Também nos informou que é ex-
pressamente proibido dar de comer ao Tiranosaurus rex.
Por isso, só vimos o T-rex de longe. Dissemos: “Bom
dia!”, e ele acenou.

De repente, o vulcão do sítio explodiu e entrou em erupção. Abriram-se fendas no chão que estávamos a pisar e a lava começou a sair. O meu amigo morreu ali mesmo. Eu não morri porque era um vulcão inventado.

O Universo tem ferramentas de pensar
para trabalhar a Imortalidade.

XIII.10

Uma oliveira dá cem azeitonas.
Não leves mais do que noventa e nove.
O povo diz que és muito bom.
Não leves mais que bom.

Se não for sustentável, não dura.
E se não dura, não te sustenta.

Mas estarás sempre a tempo de apreciar o teu passado.
Como foi para qualquer momento levado pelo vento,
também após uma década se irá dizer:
“Foram bons tempos!”

Mesmo que o momento pela dor tenha ficado dormente,
que seja o passado mais duradouro que o presente.

XIII.11

A Natureza-com-N-grande
é o meu credo.
E caminhar através da natureza
é a missa que atendo.

Não conta mentiras
e revela tudo o que for preciso
para quem está presente,
que pode ser mentira
para quem esta ausente.

O sábio está presente
e aprende com a Natureza,
enquanto o povo está ausente
e aprende com o sábio.

XIII.12

Ser um mago
não se pode ser sempre,
porque sem o dia a dia
ele não encontrará alicerce.
O drama do que é vulgar,
é daí que adquire a força.
Isto é afunilar o acumular.

Torna-se num mago, o sujeito comum,
quando o tempo é o seu aliado.

Retorna para o povo, o mago,
quando o espaço é a ferramenta.

Ao final de uma longa vida sã,
que diferença fará?

Se o encanto produzir efeito
depois de muitos anos volvidos,
ou logo após um breve momento.

Por que é o tempo a matéria mágica?
Porque para construir um castelo
pode-se usar barro e pedra,
mas para o bloco assentar é usado tempo.
Também numa planta, quando é estrumada,
pode até conseguir crescer mais vistosa,
mas sem tempo de nada vale o melhor solo.

XIII.13

Ao conhecermos o futuro irrefragável,
viveríamos sem a languinhenta ansiedade.
Apreciaríamos o inefável “aqui e agora”.

No fundo, é isto que procuramos.
No fundo, é isto que queremos,
quando pensamos modificar o futuro
ao nosso agrado para o bem-estar alcançar.

Fantasiemos ser ali, algures no futuro,
que iremos viver esse tal momento.

Ficamos empolgados com o futuro
e com todo o avanço tecnológico.
Mas quando lá chegarmos,
sentir-nos-emos como nos sentimos agora.

A tecnologia fazendo parte do dia a dia,
e apesar de toda a mudança no exterior,
o interior ser proporcional em concórdia.
Igual em razão aos anteriores estados interiores.

O futuro empolgante só existe no presente.
Sentimo-nos mais empolgados ao imaginar o futuro
do que quando o vivermos, da mesma forma
que o futuro empolgante do passado vivemos hoje.

O exterior é o arquétipo do que se observa,
sempre diferente.
E o interior é o arquétipo de quem observa,
sempre igual.

XIII.14

Se fossemos imortais,
viveríamos de forma perigosa.
Como vivemos perigosamente mortal,
será que a nossa essência,
para além de ancestral,
é também imortal?

Afirmam que tenho imensa vitalidade,
mas não é verdade. Cansado já eu nasci!

Deverei descansar para viver a vida imortal?
Deverei poupar-me para viver a vida imortal?
Não, imortais já somos todos.

Estamos é a esforçar-nos para viver uma vida mortal,
desde o momento que acatamos a diferida Eternidade.

XIII.15

Reparaste que a escrita,
para além de ser uma forma de memória,
é também uma metodologia de magia?

Quando te lembras,
quando lês a notação do mundo,
aparece na tua vida.

Quando não te lembras,
desaparece da tua vida.

XIII.16

A coerência do nosso corpo
emerge da força gravítica.
Esta é a dimensão da matéria.

A limitação da razão
é a de assumirmos que a causalidade
opera do passado para o futuro.
Esta é a dimensão intelectual.

Viajar pelos sonhos
abre-nos a dimensão espiritual.
E tornar o absurdo lúcido
condensa a dimensão Divina.

Todas estas dimensões formam uma só.
Não existem fronteiras se observarmos dali.
Mas, se observarmos daqui, elas têm fronteiras.
Isto é magia.

Os números grandes
fazem-nos distrair do pormenor.
Das unidades para as centenas,
as dinâmicas diferem na quantidade.

Perdem-se atributos individuais,
mas ganham-se outros na coletividade,
consoante o aumento do número
de elementos no grupo.

Isto é a emersão ou eclosão
de extrapropriedades, ou seja, magia.

XIII.17

Antes, tudo era milagre e mágico.
Depois, pouco a pouco,
fomos inventando outras palavras
para as coisas que o milagre e a magia ocupavam.

Pusemos de parte estas palavras.
A palavra “milagre” e a palavra “magia”.

Porém, elas ainda existem
e, por isso, somos obrigados
a dar-lhes um significado.

Os seus significados são tudo
o que as outras palavras não são.

Para acontecerem, pensamos ser possíveis
apenas nesta diletante fantasia,
enquanto as outras palavras
se transformam no que são,
precisamente por serem milagres
e atos de magia.

Capítulo XIV: Sentimento

XIV.1

Nunca estranhamos aquilo que queremos.
Que estranho nunca estranharmos os desejos!

Como posso dizer que querer isto ou aquilo,
vem realmente de mim e não disto ou daquilo?

Tal como a palavra “granito”, que oculta
o quartzo, o feldspato e as micas.

Tal como a palavra “carro”, que oculta
o assento, as rodas e o motor.

Tal como a palavra “árvore”, que oculta
as raízes, as folhas e os ramos.

É como uma cortina que esconde os bastidores.
Descrevemos a fachada, aquilo que é aparente.

Porque chamamos sandálias ao que pomos nos pés,
e não atacadores e solas, também o desejo oculta
a finalidade que a nossa justificação desconhece.

XIV.2

Quando ponho a mão nos meus genitais,
eles reagem quando penso em sexo.
Quando ponho a mão na minha barriga,
posso senti-la a resmungar quando tenho fome.
Quando ponho a mão no peito,
sinto o coração a bater,
e os pulmões quando respiro farto.
Quando ponho a mão na garganta,
ao falar, sinto a vibração da minha voz.

Mas quando ponho a mão na cabeça, nada sinto,
mesmo que pense muito e forçadamente.

Apenas quando o coração bate para o pensamento,
é que o cérebro se manifesta veemente,
através da ação pela mão, intensamente.

O coração manifesta-se no cérebro,
de rompante e insensível, que sentimos.
Mas o cérebro comanda o coração,
subtileza interior que não discernimos.

Apesar desta rotura aparente, para o ser humano,
o melhor é dar a mão ao coração.
Este está menos vezes ausente.

Entre a razão e o desejo, o último é para sempre.

XIV.3

No meu corpo todos os órgãos são indivíduos.
O meu esqueleto, o meu nariz, o meu figado,
são todos amigos.

O meu cérebro é o anfitrião,
que disponibiliza a sala para conversarem.

A minha mente é o moderador,
é como um presidente da assembleia.

Mas quem marca o ritmo, o líder, o maestro,
é o coração.

XIV.4

Quando se perde aquilo,
ganha-se aquele outro.

A saudade vem da memória
da posse do que está ausente.
Assim ganha-se a recordação
que faz sentir aquilo que foi.
O sentimento que é a saudade,
é uma lembrança, um presente.

Não é um livro para a estante.
Não é um colar para o pescoço,
nem são brincos para os ouvidos,
mas está sempre no coração.

XIV.5

Dizer por dizer: “Está tudo bem.”
é desdém e insipiente.

Aceitar e dizer: “Está tudo bem.”
é uma arma muito poderosa.

Entender e dizer: “Está tudo bem.”
É conjurar realidades.

Sentir e dizer: “Está tudo bem.”
É a realização que nos faz ganhar sempre.

Este é um dos grandes segredos.
Mas ganhar sempre tira humanidade!

Diz: “Está tudo bem”,
apenas quando nada mais há a perder.

Ser o Absoluto pode dar lugar à falta de humanidade,
mas esta é a derradeira cura.

Esta cura só existe quando se procura por ela,
e só se procura por ela quando se é humano.

XIV.6

A posição de qualquer sábio
é a de que está tudo bem.

Poderão reagir à sua posição
interpelando ironicamente:
“Então, senhor, não é preciso mudar nada?”

Ao qual o sábio responderá:
“Certo, o que implica que também está tudo bem
querer mudar algo.”

É a este nível que se diz, “está tudo bem”.

Numa dada situação, o sábio diz casualmente:
“...isto não está a correr bem.”
Ao qual poderão reagir, perguntando:
“Mas não é tudo bom para o senhor?”

E o sábio, contra-argumentando, dirá:
“A experiência da vida é boa,
que inclui esta experiência que não é.”

XIV.7

Suponhamos que alguém
mata um familiar do sábio.

Este sábio nada fará
para repor a justiça?
Provavelmente sim,
provavelmente não,
ou talvez.

Talvez queira impedir essa tragédia
se tivesse a noção antecipada do delito,
ou procuraria uma vingança desenfreada,
ou realmente nada faria, folgando.

Qualquer uma das resoluções é Natural,
e o que é Natural-com-N-grande,
faz parte e parte do “está tudo bem”.

XIV.8

As pessoas descrevem o Universo,
literalmente, e nem se apercebem.

Fazem-no de forma exímia
quando se cumprimentam.
O cumprimento é um rejubilar,
e quando alguém pergunta primeiro:
“Tudo bem?” de forma sistemática,
é como uma sentença a meditar.
O tal pensar em nada.

E a outra pessoa responde também
na mesma ausência de intento: “Sim.”,
só para prosseguir o que as duas pessoas
querem falar ou fazer.

Afinal, estar bem não importa.
O que importa é o Infinito expressar-se,
daí começarem a conversar
sobre qualquer coisa a partir desse momento.
O Universo é assim.

Está tudo bem, mas isso não importa.
E depois deu-se o Big Bang.

Estar bem não importa para o resto da conversa,
mas sem este precedente que estabelece o contacto,
a faísca, a comunicação não seria possível,
e portanto, nem tudo o resto.

Estar bem é o que leva o Infinito a ser.
Estar bem é o Tao, mas é negligenciado
para dar lugar ao Infinito.

Para que serve então o Tao?
Serve para sentirmo-nos bem!

XIV.9

Na infância ficamos maravilhados com tudo,
porque é constante a descoberta.

Todos os acontecimentos e todas as coisas,
acabam por servir de base para as aprendizagens,
e as que ficam irão constituir a personalidade.

Na adolescência pomos à prova as aprendizagens,
e seletivamente separamos o que nos é útil do resto,
que pomos de parte.

Quando adultos, já nada nos realmente surpreende
tanto quanto quando éramos crianças.
Depois, ao ter filhos, repetimos todo este processo,
mas por uma outra perspectiva fractal.

Quem não tem filhos leva a lembrança
de quando ficava embasbacado com a novidade.

Procuramos sempre este sentimento, o espanto.
Porém, se vivêssemos sempre no espanto
não poderíamos funcionar na sociedade.

E por que é que as coisas são assim?
Por que não vivemos todos, sempre, no espanto?
Porque passa quando deixamos de ser crianças?
Deus tirou-nos o espanto para que possa existir.
É isto que permite que Deus exista!

Uma criança não se ocupa com a existência
ou ausência de Deus,
porque ela encontra-se próxima da Fonte.
Daí a capacidade de se espantar com tudo.

Como adultos, perdemos essa habilidade,
daí nos ocuparmos mais com as questões
Divinas e metafísicas.

A busca do espanto,
tanto pela memória desse sentimento infante,
tal como exteriormente pela novidade,
é o que faz com que Deus continue presente
no nosso imaginário.

XIV.10

As nuvens são manadas de animais selvagens
à procura de um poiso para dar de beber.

Os pensamentos são como as nuvens,
pois tomam formas que reconhecemos
quando nos esforçamos a olhar para elas.

Quando não se esforça o pensamento,
este torna-se distante como o horizonte
e mais próximo abraçando o céu.

Se queres Perceber, sente o que pensas perceber.
Mas este perceber não é um exercício intelectual,
mas sim um exercício do Sentimento.

XIV.11

Faz-te bem sentir negação.
Faz-te sentir bem pensar assim.
Não tens porque mudar.

Mas se um determinado modelo sobre o Mundo
te fizer sentir mal, por muito nobre que seja essa ideia,
para Nada servirá. A não ser para te fazer sentir mal.

Repara!
Toda a ação produz imagens.
Uma imagem vale mil palavras,
mas quantas palavras vale uma ação?

Por isso, para mudar o mundo basta viver a vida.
Tal e qual como se deseja que o mundo seja.

XIV.12

Todos nós temos o mesmo espectro de emoções, que,
mais tarde ou mais cedo, todos iremos sentir aceder
na sua totalidade, quer queiramos quer não.

Podemos querer evitar certos sentimentos,
mas poderão ser estes que virão ter connosco
e não nós a eles, mediante medular intentos.

XIV.13

Quando demasiado grande, a sociedade,
cada um de nós é diluído, mas há quem aprecie.
Pela influência da cultura, nova necessidade,
que faz lutar pelos desejos, todos iguais.
Dá força ao contrário essa atividade.
Há quem queira confrontar o grande governo.
O que todos querem não traz Felicidade.
O povo dá força a quem governa, sem saber.
Procura o que todos desejam, quantidade.

Por obrigação ou por força maior,
retorna para a pequena comunidade.

Vem primeiro pela nossa perspetiva,
e faz pela apreciação ser comum pensar,
que o céu é grande e o resto é pequeno.

Mas o que faz o grande ser grande,
é ele ser erguido e composto pelo pequeno.
E o que faz o pequeno ser pequeno,
é ele ser apoiado e englobado pelo grande.

Não é significativo ter a experiência do pequeno.
Tampouco é significativo ter a experiência do grande.

Significativo é ter ambas! Este é o cerne atemporal,
a experiência irrevogável porque tudo é merecedor.

XIV.14

Quando estou contente
não tenho pensamentos profundos,
pois, quando corre bem a vida,
estou ocupado e requisitado.
Consumo-a.

Quando corre bem a vida, aproveito-a.
Sigo dia após dia.
Esgoto-a no momento por completo.
É quando estou contente
que dela nada levo para o intelecto.

É mais quando me corre mal,
quando fico triste e frustrado
que de criatividade fico abastado.
É como se a mente encolhesse,
bem pequena em posição fetal.
Com tal força imensa, adensa.
Assim, acelera a temperatura
e sai uma lição abundante.
Uma ideia que levo comigo,
para sempre, como um diamante.

Gosto de pensamentos profundos.
Gosto de aprender tais lições.

Por isso, de vez em quando,
prefiro estar triste, para a musa chamar por mim
e ensinar-me o porquê de ficar contente assim.

XIV.15

Sinto que acredito que o sentimento de gratidão
é uma forma ou uma variedade de contentamento.

Quando queremos mostrar a nossa gratidão
e apreciação a uma pessoa ou a um animal,
oferecemos uma prenda ou fazemos festinhas.

Como mostrar gratidão a uma planta?
Talvez cuidar dela e sentir-me próxima a ela.
Como mostrar gratidão a um não ser vivo?
Não há outra forma do que a de me sentir.
Sentir-me apaixonado pela não vida,
e este objeto metafísico ser significativo para mim.

Tanto na planta, e mais ainda no objeto,
trata-se menos sobre a planta ou o objeto,
mas mais de mim.
Por isso, para mostrar gratidão ao sol e à terra,
basta procurar ser feliz.

A maior prenda que poderei oferecer a um pôr do sol
é sentir contentamento.

É isto que o sol e a terra querem que eu sinta e seja.
Que sinta contentamento e seja grato. Assim acredito.

XIV.16

A preferência de ser mais racional
ou a preferência de ser mais intuitivo,
vem do sentimento, vem do ato de gostar.

Para reconhecemos a Realidade Absoluta,
ir pela lógica não nos levará lá, com certeza.
“Ir pela lógica” é uma derivação de um sentimento,
uma derivação do ato de gostar. Uma preferência.

Qualquer derivação é um afastamento do genuíno.
E nós não gostamos assim tanto de pensar.
Nós gostamos mais de sentir. E, gostar é sentir.
Não sei explicar. É o gosto que temos em gostar.

A intuição está mais próxima desse sentimento.
A intuição está mais próxima do ato de gostar.

Mas mesmo assim pode ser ofuscada,
por uma certa derivação condicionada,
que não faça parte, ainda, do ser.

XIV.17

O Infinito é possível de ser sentido.
Mas pela razão e pela lógica,
nunca descrito. Demais jamais!

Para descrever o Infinito
poderia começar pelo número 1,
chegaria a 100, de seguida a 1000,
e por aí adiante, confiante.

Iria demorar uma eternidade
para descrever este Conflito.
Por isso, o raciocínio lógico
nunca irá descrever o Absoluto.

Mas é possível vivê-Lo, sentindo.
Conhecendo-O assim,
nunca conseguindo descrevê-Lo.
Esse Sentimento sucinto.

É possível conhecer a Realidade Absoluta,
mas não as Infinitas peças que a compõem.
Para cada peça, em cada ponto a ser descrito,
é necessário usar a lógica e o método científico.

Capítulo XV: Conhecimento

XV.1

Eu acredito nisto, tu acreditas naquilo,
uns acreditam em nada.
Associamo-nos para dar,
algo que já temos em comum,
que é o acreditar no acreditar.

Todos nós vivemos num imaginário.
Mas atenção!

Não vivas o imaginário dos outros.
Vive as tuas próprias fantasias. Assim!

A partilha entre todos acontece em cada um.
Este imaginário é a integridade que nos une.

XV.2

Eu não acredito no acreditar!
Isto é-me impossível de concretizar,
tanto quanto Deus não conseguir criar uma pedra
tão pesada que não consegue levantar.

Quanto mais pensar sobre isso,
menos provável é estar errado.
Quanto mais penso sobre isso,
mais acredito no que penso.
Eis a poderosa semente do viés.

XV.3

As ideias devem ser testadas,
devem ser submetidas ao escrutínio,
devem ser expostas e colocadas,
a cargo de ficarem sob pressão,
pois poderão, fora da nossa tribo,
não ter mais função.

Se não forem funcionais é porque são más ideias.
Se forem funcionais é porque pelo viés de confirmação,
no ecossistema da própria tribo, funcionarão.

A parcialidade é útil na comunidade,
e manifesta-se infrutífera fora dela.

A imparcialidade é uma ideia vazia, sem aprazia,
sem conteúdo, cuja pressão não pisa nem alisa.

Mas tanto mais se é pisado por ser-se manso.

XV.4

Existem duas formas de conhecimento.
Há o saber como as coisas são para mim,
e o saber como as coisas são para elas mesmas.

Eu observo um pássaro a voar
e digo ser uma andorinha.
Eu sei o que o pássaro é para mim — é uma andorinha.
Mas o que é o pássaro para si mesmo?

Mais do que me interessar saber
o que as coisas são para mim,
mais inclinado estou em saber
o que as coisas são para si.

Quando me encontro perante um ateu,
eu sou o ateu porque ele está certo.
Quando me encontro perante um crente,
eu sou o crente porque ele está certo.
Quando me encontro perante um pássaro,
eu sou o pássaro porque ele está certo.

Está tudo certo! Certo de si e cheio de si!
Apenas porque passo à frente de um espelho, eu sou eu.
Por isso, não vou ao encontro de ideologias, mas sim
ao encontro de Tudo, dentro do Paradoxo.

XV.5

Existem três formas de lidar com a realidade:
A forma em que queremos mudá-la,
e a forma em que queremos prevê-la.

Na primeira forma, se conseguirmos mudar a realidade,
teremos a certeza de a prever.

Na segunda forma, se conseguirmos prever a realidade, teremos a certeza de a conhecer.

A primeira forma é uma ilusão.

A segunda forma é a que está mais próxima do Conhecimento Absoluto.

No entanto, quem conseguir a primeira forma será a génese do Conhecimento Absoluto.

XV.6

Tantos livros na biblioteca, tanto conhecimento limitado. Porém, é dentro de cada um dos livros que encontramos o caminho para o conhecimento ilimitado.

Um bom curto argumento para demonstrar isto:
O conhecimento ilimitado não tem limite de crença sobre a simbiose de si com o objeto transcendente.

E qual é esse objeto transcendente?
É o Desconhecimento Absoluto.

XV.7

Olha, só sei que tanto o pobre como o rico tentam ser felizes com o que a vida lhes dá. O que para nós, espetadores, até parece deveras estranho, ambos terem de lutar explicitamente pelo mesmo lance.

Quando o rico observa o pobre,
logo projeta a sua imagem na posição de pobreza
e percebe que se sentiria miserável se a vivesse.

O pobre projeta a sua imagem no rico
e percebe que se sentiria exuberante.

No entanto, ambos têm problemas
e vivem com algum desgosto,
que é, afinal, o mesmo pesar.

Esta é uma forma humana de conhecimento.
É aquela em que nós nos projetamos
nas variadas situações e em que perdemos
a própria identidade por breves instantes.

Este conhecimento torna-se tão dedicado
que criamos novos objetos metafísicos.

Ao conhecer assim,
criamos o que não existe ainda.
Daí a franca amplitude emocional
que vai do miserável ao exuberante.

XV.8

Vejo o pôr do sol que me anuncia que a noite vem aí.
Esta linguagem comportamental do astro é fácil de ler
porque já nos ensinou em outras ocasiões que é assim.

Será por isso que eu sei ler este comportamento?
Será que sou eu que descodifico esta informação
pelo meu mérito ou será que foi o pôr do sol
que me ensinou e permite a mim lê-lo?
É ambos ao mesmo tempo a partir de um Infinitesimal.

À vista da compreensão dos outros,
não é possível evoluir mais que os próprios elementos,
sejam axiomas ou conceitos, usados na comunicação.

Todas as coisas falam connosco, e a prova disso
é que, se quisermos descrever algo sem usar conceitos,
usamos a onomatopeia.

XV.9

O placebo é um grande poder.
Mas fazer algo pelo placebo,
esperar pelo fenómeno acontecer
e mesmo assim acontecer,
é de todos o poder maior!

O placebo de acreditar no placebo
é o metaplacebo.
É saber que é e, mesmo assim,
não deixar de atuar.

O maior poder que um ser humano pode ter
acontece quando acredita muito em algo,
acredita tanto que se torna significativa
e, por se tornar significativa, acabar por acontecer.

O maior poder que um mentiroso pode ter
é dizer uma mentira tão convincente
que, para além de ele acreditar nela,
também os outros acreditarão nela.

Este mentiroso só poderá ser um feiticeiro.
Em qualquer mentira há um bocadinho de verdade.

Mas lembra-te que
enquanto o poder se mantiver oculto,
é verdadeiro, mas logo que exposto
já nem para espantalho serve.
Assim, este poder raso está quase acima
onde pensavas que não iria baixar.

O que o maior poder tem, que é o maior poder
que um ser humano pode ter, é ele ser tentador,
daí o ser humano tentar.

O ato de acreditar faz parte da descoberta da Verdade.

XV.10

O objeto complexo capta a atenção.
É difuso mas a mente fica concisa.
O complexo é algo que nos alegra a curiosidade;
assim, é tangível e prontamente satisfaz.
Insatisfeito é quem está satisfeito e mais não tem.
Aqui, quando mais não se tem, a água parada fica choca.

O objeto simples passa despercebido.
É conciso, mas a mente fica difusa.
O simples é algo que fica aquém da satisfação;
assim, é intangível e dificilmente precipita.
Como está diluído, tudo permeia e nunca se esgota.
Aqui, quando aquém, a água que fluí não fica choca.

XV.11

Observei uma pomba que caminhava sobre o solo.
Queria muito ser a pomba para variar.
Queria olhar pelos seus olhos e levantar voo.
Fazer uma acrobacia aérea e voar alto,
para lá de cima, e ver as coisinhas todas.

Mas apercebi-me que isto sou eu
a ser a pomba sendo humano.
Que a imaginação nada mais é
que ser as coisas sendo humano.
Em particular, a sua própria pessoa.

Pois, se eu fosse a pomba de Verdade,
portanto, a pomba sendo a pomba,
será que teria o desejo humano
de fazer tal proeza aérea?

Para ser a pomba mesmo,
basta eu não a querer controlar.

Ufa! As únicas coisas que me levam a sério
são as coisas que imagino.

Capítulo XVI: Sofrimento

XVI.1

Foi por nos termos levado a sério outrora
que criámos o pecado original e que agora
perpetuamos com toda a seriedade.

Cuidado!

Que não se dê alimento à dor da dor,
senão tornar-se-á um sofrimento.

Quando somos sérios, o sofrimento torna-se maior,
e onde o sofrimento existir maior, haverá seriedade.

XVI.2

A dor existe apenas para não acontecer pior.
Essa é a sua função fisiológica.

Eu levo ninguém a sério, nem a mim nem a ti.
A sério que levo ninguém a sério!

Diz o ditado popular que quando falta saúde falta tudo.
Mas eu digo que quando falta humor falta saúde.

Viver sem humor é ver pecado a todo o nosso redor.
Eu não sou sério. Posso ser sincero, mas não sou sério.

Sério apenas a Criança o é, porque brinca a Sério.

XVI.3

Muito raramente admitimos as nossas fraquezas,
na medida em que nunca dizemos que faremos algo
por falta de opções.

Que falso que eu sou! E tu também!
Sim, somos todos uns falsos.

Mas como somos todos, ninguém leva a melhor.
E, assim, do drama sofrido se faz comédia.

XVI.4

Ao longo da existência humana,
os profetas apregoaram a libertação dos pecados
para sermos merecedores de um lugar no paraíso.

Do outrora até agora,
se fizemos deste jeito
ou por um outro preceito
que ao céu temos direito.

É preciso sempre alguma coisa mudar;
pois, se nada fizemos, nos levará ao danar,
nos levará ao apocalipse.

Tanta insistência na pregação,
mas isto em nada mudou
a real e humana disposição.

Toda a gente a puxar a sua corda.
Todos num sortido de sentido e direção.

De perto parece um conflito.
De longe parece uma esfera.
E de mais longe ainda, admito,
que até parece um ponto bonito.

Mas espera! O que admira
é que nunca ninguém apregoa
que bem que estamos quando destoa.
Que somos perfeitos como somos
e que vamos no bom caminho.

Há quem o diga com carinho,
mas nunca chega à proeminência,
pois não há paciência para estes trajetos.
Esta tomada de consciência é subtil
e, por isso, não tem adeptos.

XVI.5

Não é possível atingir a mestria,
pois há sempre mais um nível.

Mas a mestria existe
quando nos comparamos uns aos outros.

No entanto, no Absoluto não existe mestria.

Isto é uma boa notícia para um mestre,
pois irá haver sempre algo
com o qual se possa entreter.

Porém, é uma má notícia para um estudante iniciante.
O novato pensará que jamais poderá vir a ser um mestre.
Essa será para sempre a sua luta.

E é uma luta que entretém, a média dos dois
que representada está, nas demais gentes.

XVI.6

Mas o que é uma luta?
Pode uma luta ser a brincar?
O que é uma luta a sério?

Será apenas em casos de defesa?
Será em casos de homicídio?
Será uma luta a sério,
uma luta contra um praticante de boxe?
Contra um praticante assíduo
ou um principiante?
Contra alguém que queira matar?
Como identificar uma ameaça de morte?
Qual é a situação?
Manter um modo de vida saudável
é uma luta a sério?
Manter a felicidade
é uma luta a sério?

O que é uma luta a sério?
Lutar mordendo o pescoço?
Lutar arranhando os olhos?
Lutar cumprindo as regras?
Por que submeter-se às regras?
Existirá já um condicionamento para usar regras?
Afinal onde começa uma luta a sério?
Será que começa com a psique
e com as palavras proferidas de cada um?
Com a linguagem comportamental
e as próprias emoções?
O que é uma luta a sério?
Será necessário haver um confronto físico?
Será que um vencedor a sério,
deixa sequer isso acontecer?
Se, de facto, existir um confronto físico, como reagir?

Não lutando mas atuando.
O que é uma luta a sério
senão tudo o que fazemos
nas nossas vidas?

Mas é preferível não dizer
o que é uma luta a sério.

Em vez disso, questiona-se apenas
e age-se de acordo com o Mistério.

Uma luta a sério é um ato presente.
Um ato de Verdade é uma luta de Verdade.

É ser tão lutador
que só é justo lutar contra si mesmo.

É ser tão lutador
que só o próprio se encontra como alguém à altura.

XVI.7

A agressividade desta luta,
o ímpeto deste fogo,
mostra a Verdade.
É irreverente e mostra a Verdade
mesmo que doa.

Quando, no mato, os arbustos
cobrem certos caminhos de animais,
o fogo quando por lá passar
irá tornar esses caminhos visíveis.

XVI.8

Eu planto, tu plantas, ele planta,
nós plantamos, vós plantais, eles plantam.

Com plantas, planta planta plantas. Planta!
Sem plantas, secamos.

Cada um fala do que sabe.
Uma laranjeira dá laranjas,
e uma laranja dá laranjeiras.

Se cada um não resolver o seu problema,
a sua guerra pessoal, o seu conflito interior,
então passará esse problema para os outros.

XVI.9

Mas o problema não é haver problemas no dia a dia.
O problema é haver o problema dos problemas.
O porquê de haver problemas é que é problemático.
Essa é que é a questão das questões. Que é o problema.

Mas fora os problemas,
eu gosto é de passear nos cemitérios.
São como parques.
Servem para esticar as pernas.

Todos os desafios são Plenos,
e quando não se tem desafio,
existe o desafio de se lidar com isso.

XVI.10

A maior criatividade é a incerteza do futuro
e, daí, a adivinhação é tudo o que fazemos,
constantemente, como expressão artística.

É mais provável uma revolução acontecer
quando a anterior que tomou posse for recente.
Um império que exista há muito tempo, velho,
até anacrónico, degradar-se-á sem revolução.

XVI.11

Num estado de emergência,
o choro proclama pela defesa.
A guerra só se combate pela guerra,
mas a ideia que originou a guerra
só se combate com outra ideia.

A ciência e a arte são ricas em ideias.
Se for necessário combater a guerra,
será necessário pela guerra defender,
e pela cultura, atacar e vencer.

XVI.12

Pago a renda ao senhorio com dinheiro.
As ações pagam a renda ao desejo com satisfação.
O desejo paga a renda ao ego com Destino.
A ideia paga a renda à mente com pensamentos.
O ego paga a renda à consciência com personagens.
A mente paga a renda ao corpo com bem-estar.
O corpo paga a renda ao Universo com energia.
Eu pago a renda a Deus com a presença.

Por isso, o que é mais importante,
o dinheiro não compra.

XVI.13

Nunca te esqueças que, depois de toda esta labuta,
o que tem mais valor é o que não tem preço.
Por isso é que colocamos preços nas coisas,
para se poder distinguir uma coisa da outra.

XVI.14

A natureza selvagem,
quando acontece mais depressa
do que a natureza humana
pode acompanhar, ajustando-se,
acontece em catástrofes.

Nesta corrida, a natureza humana vence
enquanto a natureza selvagem se mantiver dócil
num simpático trote.

Mas se nos encontrar muito adiantados,
ela passará de trote a galope.

XVI.15

Se quiseres conquistar o mundo,
deixa-me dar-te um conselho.

Para conquistar uma ideia,
é preciso compreender.
Para conquistar as pessoas,
é preciso dar.
Para conquistar um terreno,
é preciso ter.

O meu mundo é uma ideia sobre as ideias das pessoas.
Assim, para conquistar o mundo é preciso dar o meu.

Quando se procura, o conquistador dá.
Quando não se procura, o conquistador impõe.

E ao impor até a mais nobre ideia,
o céu escurece e as flores murcham,
o coração sofre e o riso entristece.

Este é o segredo para conquistares o mundo.
Usa-o quando não tiveres um teu.

XVI.16

Ninguém quer estar sozinho consigo mesmo.
Quando sonho, sempre sozinho,
sonho que estou com mais pessoas.
Quando estou sozinho a acampar,
quero passear e descobrir as redondezas.
Quando estou sozinho numa viagem,
olho pela janela e imagino coisas.

Quando me sento e me dedico fielmente para meditar,
a mente não me larga.
Pega em mim, leva-me ao circo das imagens
e das emoções, só para me entreter.

Mas na meditação,
quando consigo, por fim,
ficar mesmo sozinho,
torno-me um bocadinho
em cada coisa e, assim,
sinto-me acompanhado
como nunca estive.

Esta solidão é treinar para a morte.

XVI.17

Quem mexer os lábios a falar sozinho,
quem sozinho falar em voz alta até,
a qualquer um pode parecer tolinho,
mas um grande amigo de si mesmo é.

Toda a gente fala sozinho consigo,
e por vezes vocaliza tal e qual.
A prova disso é que não é possível ter
uma gargalhada nem um choro mental.

XVI.18

A paz e a guerra são complementares.
Os seus processos são cíclicos,
e funcionam da seguinte forma:

No início, é o alívio.
Depois, instala-se a quietude.

Logo, apressa-se o aborrecimento
que faz surgir a dúvida.

A seguir vem a apreensão
que se transforma em ansiedade.

Quebrado e magoado,
a guerra é com o próprio,
e depois com o próximo.

Por isso, a paz assusta tanto quanto a guerra,
pois a paz, quando magoa, é a mãe da guerra.

Magoa, porque difícil mesmo é estar em paz.
Mas quando aliviado se reconhece a poluir,
e quando quebrado se reconhece a limpar,
a Paz já não magoa.

Assim já não assusta.
Se não assusta, d'Ela não se foge.

XVI.19

Poderão afirmar:
“Ah, então tu és a favor do mal.”

Direi que não, e mais.
O mal sempre existiu e sempre existirá,
enquanto houver quem possa contabilizar.

Querer eu extinguir o mal,
é deixar o mal corromper-me.
Por isso, prefiro levá-lo a passear às vezes.
Com o contraste mantenho em forma o bem.
Para combater o mal, irá haver sempre alguém.
Confia!

E se porventura não houver alguém a combater o mal,
a própria pessoa de mal irá encontrar
uma réstia de bondade dentro de si.

Nunca! Jamais existirá apenas uma das duas!
Seja a bondade, ou a maldade.

Se existisse apenas a bondade,
alguém iria apoderar-se dessa pacificação,
para obter supremacia sobre as pessoas
e sobre as coisas, pois seria tentador.

Todos desejamos a bondade para no momento certo,
e quando for necessário, subjugar-mos o próximo.
Difícilmente admitimos tal traição, mas assim é,
quer queiramos quer não.

Ao nosso redor, benéfico é existir um pouco de maldade,
pois, assim, no quotidiano, amochamos e não entramos
nós próprios na tentação de sermos más pessoas.
Confia!

E, observa! Quando o solo é muitíssimo fértil,
tão bom que qualquer semente se desenvolve lá,
até as más.

Observa também quando o solo é tão mau,
tão ruim que só as melhores sementes se desenvolvem,
as boas.

As outras sementes que não germinarem, as más,
estão lá também no solo ruim.

As sementes podem germinar ou servir como estrume.

Isso não é acerca do bem ou do mal, mas sim
acerca da magia de continuar.

Uma mesa está cheia de pratos gastronômicos diferentes, e a situação é aquela em que podemos escolher comer um pouco de tudo para provar. Ou, imagine-mos outra situação, em que ficássemos só com um prato e comêssemos só desse. A tendência de escolha, entre estas duas situações, seria a de comer de todos os pratos um pouco. Assim, provando um pouco de todos os pratos gastronômicos, acabaríamos por ter, obviamente, preferência por um ou outro. Mas se forem duas mesas cheias de pratos, se calhar já teríamos dois pratos favoritos. E quantas mais mesas cheias, mais pratos preferidos são possíveis de surgirem. O que fará com que seja cada vez mais difícil escolher apenas um prato favorito. Quantas mais escolhas à disposição existirem, mais difícil será a decisão final de escolher apenas um prato favorito.

Ao limitar as escolhas possíveis, afunilamos as decisões. Se eu desejar uma decidida decisão, terei de limitar as minhas escolhas possíveis.

As pessoas são decididas em governos tiranos.
Os namoricos abundantes levam à solteirice.
O entretenimento abundante leva à apatia e ao tédio.

Quando o tédio for abundante,
o sacrifício virá ter connosco.

Logo que o sacrifício seja despachado,
fechar-se-á o ciclo com Realização.

Reconheceremos que ao poder acumular poder,
poder ser poder a mais?

Quando te sentires poderoso, recua.
Porque o poder esfarrapa e despedaça.
Sem pontos cardeais será tarde demais,
quando por ti deres conta na desgraça.

A retirada deve ser feita quando o poder é ainda manso.
Mas se uma pessoa mesmo assim quiser continuar,
então terá de tratar o poder como um animal selvagem,
com o qual poderá conviver respeitando o seu descanso,
ignorando-o.

O que será difícil, porque, aquando ignorares,
já o conhecerás.

Toda a gente procura poder pessoal.
Repara que não digo poder político,
ou algum tipo de autoridade judicial.
Brada-se poder pessoal, que pode englobar
todos os poderes menores a desencubar.

Quando inclinado para a realidade subjetiva,
adivinha-se à volta da própria fantasia.

Todas as pessoas procuram o poder pessoal,
apesar de ser difícil, por vezes, em admitirmos
que o ambicionamos.

Querer eu dividir a riqueza
igualmente por todos,
ou querer eu dar força
a uma distribuição desigual da riqueza,
depende de que lado acontece estar.

Independentemente deste viés,
cada um de nós procura o melhor para si.

Repara que cada um luta sempre pelos seus interesses.
Por vezes, calham bem aos amigos e não aos estranhos,
e outras vezes servem aos estranhos e não aos amigos.

No exterior, procuramos igualdade e justiça.
E no interior, procuramos serenidade e paz.

Com enquadramento moralista,
há a tendência em idealizarmos as coisas
como gostaríamos que elas fossem.
Sem enquadramento moralista,
há a tendência em descrevermos as coisas
como elas são.

Capítulo XVII: Realidade

XVII.1

Uma pedra tenho dentro do meu punho.
No anel adentro tenho um anelar enfiado.
A pedra, oculta; mas o anel avistado.
O que é anel serve a todo desgraçado.
Mas o subjetivo é pedra só para mim.

A realidade exterior é consensual e conetiva.
Mas a realidade interior também existe,
apesar de não conhecermos a dos outros,
apenas subjetivamente, a de nós próprios.

Isto leva-nos a um motim existencial.
Provoca-nos uma certa confusão.
Confunde-nos a realidade interior
e confunde-nos a realidade exterior,
por julgarmos erradamente que ambas
são sempre intercambiáveis.

XVII.2

Numa fotografia em que vemos uma paisagem,
é real o reflexo do céu e das montanhas na água.
Porém, mais real são o céu e as montanhas em si.

Mas mais real ainda, é o papel fotográfico
onde se encontra a imagem.

XVII.3

Desconstruimos a realidade
para reconstruirmos a realidade.
Quanto mais a desconstruirmos,
mais inovamos a reconstruí-la.
Todos os animais procedem desta forma.

Os que desconstroem pouco, reconstroem pouco,
e a esses chamamos de animais irracionais
que dizemos apenas possuírem instinto.

Aos outros animais, portanto a nós mesmos,
intitulamos de animais racionais.
Mas que suspeito!

E se o raciocínio for apenas uma tonalidade
de um mesmo gradiente?

XVII.4

Quando somos pequeninos,
os pais asseguram-nos que o sonho
não é real.

Quando somos adolescentes,
aprendemos na escolinha que o sonho
é apenas um fenómeno mental.

Com surpresa vemos, já em adultos,
que afinal muita coisa é especial.

Mas repara!
Apenas na hora da morte
ficaremos convencidos de que tudo foi real.

Não me interessa aquilo que dizes sobre o que dizem,
mas sim aquilo que dizes sobre o que tu achas,
daquilo que descobriste através das tuas fantasias.

XVII.5

Hoje acordei e parti para longe,
lá para o pressuposto trivial de que
não é possível conhecer a Realidade.

Parei na paragem do pensamento
de que tudo o que pensamos
ser na dimensão humana,
e que fora desta esfera humana
nada é como pensamos conhecer.

Achei pouca piada a esta estação,
porque também esta sua afirmação
se enquadrava no mesmo pressuposto.

O pressuposto de que não é possível conhecer
a Realidade fora do seu condicionamento.

Mas como descobri, afinal, que não é possível
desvendar esta localidade chamada Realidade?

Como é que um ser tão limitado
pode afirmar algo tão grandioso?

Quando o mesmo mecanismo de dedução lógica
que me conduziu ao pressuposto usado para dizer
que não é possível conhecer, é usado para afirmar
que é possível não conhecer.

XVII.6

A Verdade é indizível, mas é vivida.
Podes demonstrar na totalidade o que vives?
Nem por isso.

Portanto, a Verdade
é maior que a demonstrabilidade da Verdade.

As crianças gostam de coisas muito antigas
como dinossauros e avós.
Os adultos gostam de coisas recentes
como notícias e tecnologia.
E as pessoas velhinhas
sorriem quase sempre para as crianças.

A Verdade encontra-se em equilíbrio
e é das coisas mais antigas que existe.

Mas mais antigo ainda, só a Fantasia.

XVII.7

É somente o que damos a nós mesmos e aos outros
que é real, mesmo podendo ser mentira.

Dar é o que o Amor é.

Mesmo que se deem mentiras, mesmo que se dê nada.
A única coisa real é o Amor. Tudo é Amor.

E, o maior amor de todos é o amor se esvaziar,
entregando-se, para o próprio Amor ser um Nada.

Por isso a única coisa mesmo, mesmo Real, é o Nada,
que é o maior Amor de todos.

Mas eu não alego seja o que for. Eu alego Nada!

Com a minha boca sinto apenas necessidade
em fazer sons ao respirar, tal como o vento
que pelas minhas cordas vocais passa.

XVII.8

Se a situação que me envolve não mudar
e a minha atenção sobre esta dita situação
também não mudar, no final, nada mudou.

Se a situação não mudar,
mas a minha atenção mudar,
então, no final, tudo mudou.

Se a situação mudar
e a minha atenção não mudar,
também tudo mudou.

Portanto, a atenção
é como se fosse uma situação.

Nós só reconheceremos as eras
depois de elas por nós passarem
e de lhes colocarmos um nome.

XVII.9

O que é mais estranho?
Conseguirmos formar uma ideia no pensamento
ou conseguirmos vocalizar uma frase do pensamento?

A realidade interior é a mais rica.
Quando se abre o punho metafórico,
quando se vocaliza o pensamento,
a realidade exterior vai enriquecer junto.
A criação do pensamento tem ligação à Fonte.

O coletivo nunca irá usurpar o que é subjetivo.
Mas estou a mentir. Minto, porque sou humano.

A realidade exterior é a realidade interior da Criança.

XVII.10

O verbo “ser” é sustentável e autorrealizador
apenas na extensão do seu contraste.
Enquanto eu me estiver a referir à ilusão,
a ilusão será criada somente recorrendo à realidade.
Enquanto eu me estiver a referir à realidade,
a realidade será criada somente recorrendo à ilusão.

No sono, o sonho convince-nos da realidade da ilusão,
e é por isso que existe o conceito de realidade.
A convicção de que existe uma realidade,
é a nossa reação ao sonho.

Como tal, existe a ilusão de que existe ilusão,
quando, na Verdade, uma vez saldado, tudo É.

E isto: é e não-é. E sobre aquilo: também é e não-é.

Capítulo XVIII: Identidade

XVIII.1

Relembrar sítios e momentos,
servem-me para ter a perspetiva
de onde venho e o que alcancei,
para acerca do futuro obter visões.

Do mesmo modo, para isso servem as comunidades,
as homenagens, os monumentos e as tradições.

XVIII.2

Cada pessoa é o meio que a rodeia.
Tal como o funil ou olho de furacão,
ser a manifestação daquilo que o encadeia,
também nós somos o meio que nos dá ideia.

Poderão argumentar que ser é uma coisa,
e que a influência de alguém sobre nós é outra.

Mas ser não será, afinal de contas,
a expressão da influência de sincronias
de todas as coisas sobre nós mesmos?

XVIII.3

Todos nós somos tradutores.
Traduzimos a linguagem do Universo
para a linguagem dos humanos,
e para a linguagem dos restantes animais.

Quando sentimos frio,
somos emissores na comunicação.
Quando sentimos calor,
somos recetores na comunicação.

O pensamento é a linguagem da intenção.
Apontar é a linguagem da escrita.
Falar é a linguagem da encenação.

Comer é a linguagem com os alimentos.
Comer sem escutar é a gula.
Andar é a linguagem com o caminho.
Andar sem escutar é ser descuidado.

Escutar é a linguagem com a linguagem.
Escutar sem escutar é a morte do ego.

XVIII.4

O ego é um farofeiro matreiro,
pois quando as escolhas correm bem,
dirá que foi porque escolheu bem.
Afinal, o mérito merecedor merece um ego.
Dá privilégio ao ego acolher o mérito.

Mas quando as escolhas correm mal,
desculpar-se-á assim pela escolha errada,
afirmando: “Tal e qual não teve de ser.”

Só se for útil, aclamamos pelo Destino.
Quando convém, chamamo-Lo de companheiro.

Que suspeito, que ego tão batoteiro!

XVIII.5

Ser sujeito é quem está sujeito às situações.
Um sujeito sujeita-se à sua ação
que demonstra reação pela sua emoção.

Tudo está sujeito a situações.
Mas as coisas inanimadas
não reagem interativamente com o observador,
muito menos com as suas próprias emoções.

Inanimadas, estas coisas,
refutam em parecer sujeito.

Inanimadas, as coisas,
têm objeção em demonstrar a emoção,
daí serem sujeitos a serem objetos.

Não conheço nenhuma pessoa
que gostaria de estar sujeito a esta situação.

XVIII.6

Não é mau estar numa bolha.
É pior não saber que se está numa bolha
e continuar na bolha.
Não estar numa bolha, e saber isso,
é estar numa bolha.

Apesar deste oxímoro,
esta última bolha é a mais acolhedora.

Oh! Bolhas a conter bolhinhas.

XVIII.7

Puseram-se nas posições certas, as minhas células,
quando se afirmaram para me formarem no eu embrião.
Elas têm os seus interesses e por eles vão lutar,
qualquer que seja a culminação ou apogeu.

Do meu ponto de vista, as minhas células
trabalham para um bem maior que acho meu.

Mas para elas, pressuponho que cada uma
trabalhe para si, ingenuamente,
desconhecendo o bem maior de que fazem parte.

Nós também temos os nossos interesses
e, na verdade, iremos sempre lutar por eles.

Da perspectiva do Mistério, trabalhamos
para um bem maior que nós não somos.
E ninguém conseguirá cercar essa sorte.

Sentimo-nos inúteis e usados nesta incerteza?
Onde está agora o poder pessoal?
Queremos conquistar o Mundo, mas assim?

Se quisermos ter indivíduos sob a nossa alçada,
que não sejam soldados, súbditos ou semelhantes.

Se quisermos ter indivíduos sob a nossa alçada,
para nos sentirmos poderosos, que sejam então
as nossas próprias células. As de cada um.

Uma célula é mais que a soma das suas partes.
Os órgãos são mais que a soma das suas partes.

Tal como o são as pessoas e os edifícios,
que eventualmente originam organizações.

Tudo isso, porque algo subtil persiste,
que se encontra entre os pontos dos vértices,
tornando-os parte integrante de um índice
de uma geometria hermética com multifaces.

A magia provém, não pelos píncaros unitários, mas sim
pela associação das suas funções, das suas interligações,
que advêm do local relativo em que se encontram.

XVIII.8

Que bom seria ter sexo com aquela pessoa!
Ah, se eu pudesse...

Faríamos posições diferentes para não aborrecer, é claro. Depois faríamos jogos em que assumimos outros papéis; além disso, mudaria a sua cara para parecer outra pessoa.

E, por último, mudava-lhe até a personalidade e o traço, para ser alguém novo.

Ah! Afinal já tive sexo com aquela pessoa.

XVIII.9

Se eu, inveja, ódio e amor, apenas sinto,
por gentes do meu imediato círculo,
pelas pessoas que pessoalmente conheço,
pergunto ao oráculo se é possível evitar o tropeço,
em mim e nos outros, sendo um solteiro por inteiro,
e nem sequer ter amigos nem porteiros?

Eu preocupo-me com certas pessoas próximas,
porque são as que mais emoções me despertam.
Não é tanto assim para as criaturas anónimas.

São essas pessoas próximas que ocasionam
e que a inveja, o ódio e o amor, em mim libertam;
são essas as criaturas que me são importantes,
são as que fazem parte de mim que me constroem.

E não existe algo tão mau quanto não saber discernir
como a própria pessoa se há de definir.

XVIII.10

Preocupa-me a imagem que as pessoas têm de mim.
Mas por muito que esteja obcecado comigo
e a pensar nas figuras que faço à frente dos outros,
a verdade é que não estou presente nas suas cabeças,
porque não sou constante e perene prioridade.

A prioridade para cada uma das pessoas
é estarem preocupadas com o que eu penso
e com o que as outras pessoas pensam sobre elas.
E, principalmente, o que cada uma pensa sobre si.

Tal e qual como acontece comigo agora.
Daí a incessante obsessão em atendermos
ao chamamento do próprio nome.

É por isso que temos um nome próprio.

XVIII.11

Toda a gente vai ter uma ideia diferente de ti,
e é bom que permitas ter muitas facetas.
Muitas e variadas facetas aos olhos de todas as pessoas.

Assim, ao existires mediante numerosas formas e feitios,
tornar-te-ás mais rico.

Talha todas essas faces
como se de um diamante se tratasse.

XVIII.12

Se um indivíduo não passar o seu genótipo,
e tiver pena porque acha bom o seu fenótipo,
que não sofra mais, porque o seu padrão
poderá surgir mais tarde numa outra ocasião,
se a espécie humana estiver preparada para receber
tal característica como habilidade útil a desenvolver,
para a permanência e prosperar na insistência.

O indivíduo ao se comparar ao coletivo,
não deve achar-se no genótipo,
porque o que se manifesta é útil,
e daí ser mais importante que o tal.

Ambos têm asas, o morcego e o pardal.

XVIII.13

Acontece que a evolução das espécies
implica a adaptação ao meio ambiente.

Depois, a evolução do meio ambiente
implica a adaptação às espécies.

O meio ambiente é, deste ponto de vista,
como se fosse uma espécie... de espécie.

Evolução é mudança. Tudo muda.
Portanto, Tudo é Vida.

“Mas objetos e ideias não são vida.”, poderão afirmar.

Apesar dos objetos terem a função de se proclamarem.

Apesar das ideias terem a função de se proclamarem.

Apesar de se poderem denominar.

Apesar de se acharem importantes e persistirem.

“Mas esses atributos somos nós que os atribuímos.”,
poderão também afirmar.

Autodenominamo-nos para denominar.

A essa função nos podemos providenciar,

porque, como um todo, nos achamos importantes.

“Não é possível sermos Deus, porque sentimo-nos como humanos!”, poderão acrescentar à contra-argumentação.

Apesar de Deus se denominar

através de todas as formas e perspectivas.

Apesar de Deus se importar assim.

Apesar de Deus querer permanecer assim.

Lembra! O que é a vida?

Um sistema autoimportante.

Qualquer ideia, qualquer país ou organização
celebram a autoimportância.

A autoimportância favorece a permanência.

Ao fim ao cabo, a Vida é a prática da permanência.

XVIII.14

Por que defendemos tanto as nossas posições?
Por que defendemos tanto as nossas opiniões?
Para convencer as pessoas que se tem razão.

Para que serve ter razão?
Serve para as ideias do próprio terem mais procura.

Para que servem as ideias terem muita procura?
Assim, a identidade correspondente tem mais valor.

A identidade que é a casinha às costas.
Sem ela valorizada, sentimo-nos pobres.

É a lei da procura e da oferta,
aplicada à percepção do valor pessoal.

Uma lei que aflora sociologicamente
e que concordamos todos em seguir,
sem constatar, nem discernir.

XVIII.15

Gostamos de conversar.
Se a conversa é vulgar, é conversa sem questionar.

Quando não questionamos, o que há para falar?

Torna pobre a conversa, fica acanhado o pensamento,
mesquinho é o comportamento e escassas são as ideias.

Quando estamos curiosos, crescemos rápido.
Quando estamos desinteressados, crescemos devagar.

Mas só depois de questionar acerca de todas as coisas,
é que se pode tornar curioso além do que existe.
Só então se deve ser curioso em ser-se desinteressado,
tornando-se tolerante para a conversa ser aquela que for.

XVIII.16

Ouvir opiniões, eu gosto.
Não pelas opiniões em si,
mas para constatar aí
que estamos dispostos assim,
em defender a causa própria.
Cada um para se definir.

Para sabermos quem somos
delineamos a identidade.
Nós espelhamos a imagem
que queremos distinguir.

Espelhamos a nossa idoneidade
nas nossas opiniões e convicções.

É, assim, interessante observar
que todos nós somos parciais.

Quando perguntam a opinião a um engenheiro,
ele dará a sua opinião formada consoante
a delineação da sua própria identidade.

É expectável falarmos em determinados assuntos
para mostrarmos quem se espera que sejamos.

Portanto, nunca te esqueças!
Essa tua ideia só é importante para ti
e para as pessoas que pensam como tu.

XVIII.17

Não queiras impor às pessoas a serem como tu,
porque nem tu és do jeito que queres ser.

Se defendes o pacifismo, é porque és pacífico;
assim, no momento certo, poderás ser agressivo,
surpreendendo e conquistando os outros.

Se defendes a hostilidade, é porque és agressivo;
e só és agressivo porque ninguém que te amansa.

No momento certo, conquista.
No momento certo, amansa.

Isto é como descrever
a teoria da evolução das espécies.

Ninguém gosta de fazer parte dos perdedores,
porque são os vencedores que levam todos os louvores.

Se quiseres ser o primeiro, para tal acontecer,
precisar de ficar à frente do segundo não é exagero.

Se porventura o segundo parar em primeiro
por semelhante desespero, então basta ser sincero,
porque à frente do primeiro só o Zero.

XVIII.18

A busca do ser é constante,
porque a própria identidade
é inerentemente dinâmica e mutável.

Essa busca parece ser uma tarefa árdua.
É o que fazemos no nosso dia a dia.

Mas não se compara com o trabalho
que é exigido após a realização
da verdadeira e imutável Identidade Absoluta.

A verdadeira tarefa não é
a busca constante da identidade,
mas sim o que fazer
quando se sabe quem se é no Absoluto.

XVIII.19

Dedicar-me a algo exterior,
prolonga a ideia de mim.

Dedicar-me a mim mesmo,
prolonga o meu ego.

Dedicar-me a algo interior,
prolonga o silêncio de mim.

O silêncio de mim
é igual ao silêncio
de qualquer outra coisa.

Mas este Silêncio não é silêncio.
É o aguentar estar e o deixar ser.

XVIII.20

Entre nós, tudo o que se move e se gasta
mora no espaço e no tempo.

Os que vivem mais no espaço ligam ao exterior.
Estes preferem procurar e apreciam quantidade.

Os que vivem mais no tempo ligam ao interior.
Estes preferem cultivar e apreciam qualidade.

Quando se é espaço dá-se um bom militante,
um bom turista, um bom colecionador,
e a vida sente-se longa, mas é breve.

Quando se é tempo dá-se um bom ouvinte,
um bom sonhador, um bom semeador,
e a vida sente-se breve, mas é longa.

No entanto, nós morremos para lembrar
o que vivemos para esquecer.

Capítulo XIX: Arte

XIX.1

A ciência resolve e limita.
Eu resolvo e não limito.

A ciência faz o que deseja.
Eu faço o que É.

A religião não é para se levar a sério.
A ciência não é para se levar a sério.

Eis aqui formas de expressão,
como a arte no seu estado mais puro e ingênuo.

Esta forma de Arte é como brincar.
E, Brincar é a única coisa que se deve levar a Sério.

XIX.2

Quando procuramos o mérito,
não é o que a pessoa diz ou possa vir a dizer
que lhe traz reconhecimento e autoridade,
mas sim pelo que ela faz e como o faz.

Se tiver reconhecimento e se tiver autoridade
apenas com o que diz, então o mérito até é
maior nos seus seguidores, porque conseguem
a difícil tarefa de ouvir e seguir quem não tem mérito.

XIX.3

Se um qualquer artista
tiver uma suficiente exposição
em termos de divulgação,
certo é que terá sucesso.
Porque quanto maior a exibição,
tanto melhor para criar
um nicho ou uma divisão.

Será possível não ir de encontro
às expetativas de um público,
criado ou já existente,
e mesmo assim ter sucesso?

Qual é o sentido da arte?
E qual é o mérito do artista?

Será que o mérito não é, ao fim ao cabo,
ir ao encontro do maior número de pessoas?

Isso significaria que a maior parte das pessoas
são semelhantes na apreciação das coisas,
quando existe um artista a reuni-los
sob a alçada de uma sua obra artística.

Sendo assim, nesta multidão,
alguns haverá que nas condições certas
semelhante arte produzirão, igual ou superior
a qualquer artista que elogiam.

Qual o mérito do artista
quando o mérito não lhe for exclusivo?

XIX.4

Um artista que fale sobre
o que as pessoas não querem ouvir, não vende.

Um verdadeiro artista pensa de forma distinta
quando confrontado com este elogio.
O elogio de que é um grande artista
e que é necessário haver mais artistas como ele.

Ao que o verdadeiro artista responderá:
“Não. É necessário haver mais pessoas
como você, o elogiante.”

Assim, o verdadeiro artista e o elogiante
aproximam-se no tamanho do Universo.

XIX.5

Um artista exprime-se
no momento que cria a arte,
mas, no fundo, não sabe o que criou.

Pela pressão das outras pessoas
e pela pressão do seu próprio ego
irá o artista definir o que conjurou.

Mas, na verdade, cada um vai interpretar
a obra à sua maneira, e neste processo
o observador recriará a peça de arte.

A arte é a expressão cocriada pelo observador.
Quando o observador observa a arte criada
e a reconhece como tal, o observador fechará a criação
com a chave de ouro.

Se não reconhecer a criação como arte,
então ele próprio não é artista.

Ser artista é reconhecer que se colocou
uma qualquer expressão emocional na caprichada obra.
E no caso do obreiro ser uma máquina ou as nuvens,
a expressão do Infinito.

Ah, essa emoção!

Ser artista do lado do observador é ser empático
com quem iniciou a parte fenomenológica.
É ser compreensivo com quem executou a obra.

XIX.6

As máquinas executam
automaticamente a obra.

Mas ainda não se ocupam
com a derradeira questão
de ser arte ou não.

Elas farão isso quando se criar então
a tal consciência artificial.

Mas quem é que irá reconhecer
que as máquinas têm consciência?

É o ser humano, o observador,
que fechará a ação fenomenológica
de criar a consciência artificial
com a chave de ouro.

Um verdadeiro artista na sua essência,
na sua verdadeira e sublime arte,
é reconhecer que existe arte em tudo.

Esta é a Arte-com-A-grande.

Arte é Amor.
Porque Arte contempla a União
do observado e do observador.

As duas partes terão de convergir
para que se crie Arte,
para que se crie Amor.

XIX.7

No futuro, o entretenimento
irá ser cada vez mais abundante
e cada vez menos valioso
como unidade de troca.

Tão abundante como o ar.
Mas tão necessário como o ar.
E por isso, quase não se dará conta
da sua presença.

Assim será Deus no futuro.
Agora, tudo é um entretenimento
de um futuro a jogar o passado.
Uma autêntica peça de Arte!

XIX.8

Quando entramos num comboio
e não soubermos para onde vamos,
das duas uma, ou vamos perdidos
ou vamos à aventura.

É como Deus que se perde para ir à aventura.
Perdido, perdido está. Para criar o encontro. Já! Já! Já!

A inspiração é a visualização de como as coisas são,
antes de agirmos sobre a criação.
Isto porque, quando observamos uma paisagem,
vemos a pura criatividade do Universo.

Do mesmo modo, assim é para um quadro a ser pintado.

Quando para a inspiração o encontro for amplo,
é o olhar transigente para a paisagem da mente,
que advém da paisagem do Universo experiente,
que criou o meu ecossistema de ser quem sou,
e que por fim, irá dar o toque pessoal na obra a criar.

XIX.9

Pode-se ouvir o canto mais harmonioso.
Pode-se sentir o toque mais arrepiante.
Pode-se saborear o doce mais completo.
Pode-se cheirar o aroma mais profundo.
E até se podem ver as estrelas a explodir.

Mas quando uma mulher é bonita,
é a coisa mais bela do Universo!

Quando se gosta de mulheres, certo é.
Que sejam homens noutros casos até.

Embutido no fabrico de todas as coisas,
em tudo e todos, impossível ausência,
dependente das diferentes consciências.

A beleza é, de facto,
a característica mais apreciada
em todas as existências.

Por ser a mais apreciada,
é a moeda de troca mais usada
e a fazenda mais alienada.

Mas quando se tem,
a avidez toma conta
para não mais interessar.
Devolve-a, liberta-a.

Quando a beleza é bela,
até da liberdade renegamos.

Em tudo intrínseco,
mas interpretado por cada um,
é por isso, de todos,
o arcano menos profano.

XIX.10

Adaptaram-se ao meio ambiente
os seres vivos que os biólogos conciliaram.

Formular a ideia da evolução, na mente
podemos também por uma outra vertente.

As diversas criaturas são a expressão do sítio,
como que uma expressão artística.
Convergiram da fruta, do solo e daquele clima,
e deram lugar a esta criatura casuística.

É como se o Espírito do lugar se estivesse a agregar,
materializando o materializar em forma de especiação,
num veado, num jaguar ou num falcão.

E, da mesma maneira, as nossas opiniões
são a confluência de toda a nossa vivência,
dos vários locais por onde passámos lavras,
são Espíritos cuja matéria são as palavras.

XIX.11

Eu, na verdade, não me posso queixar.
Aliás, posso-me queixar, mas será sempre
como recitar Poesia.

A única teoria que não precisa de ser atualizada
é a de que nunca iremos saber tudo.

Uma teoria que tire a poesia das coisas,
tira o alento para viver e de nada serve.

Eis um exemplo de uma teoria
que não tira o alento de viver:
“Olhar para as estrelas é poesia sem palavras,
apenas pontos reticentes por todo o céu.”

Capítulo XX: Contemplação

XX.1

Que ato maravilhoso exclaimar!
Que mundo maravilhoso!
E assim, interrogo-me:
“Até onde me levará a Consciência?”

Esta é a dúvida que me dá um prazer esquisito.
Observar não se deve apenas para o exterior,
mas também para o interior.

Poderão dizer e criticar:
“Tens cá com cada teoria!
Para que servirá pensares assim?”
Ao qual eu direi:
“Escuta, isto tudo não é para se levar a sério.
Tudo o que digo são tretas. Eu sou apenas um patife.”
Ahhh!

XX.2

Para uma boa carreira profissional,
bom é saber muito acerca de uma coisa só,
ser um especialista numa determinada área.

Para uma vida boa, saber um pouco de tudo
em proporcional medida, para a flor florida,
é água e sol e solo, e fica superdesenvolvida!
O que é que eu prefiro?

XX.3

Um projeto fácil e a curto prazo,
pode eventualmente vingar,
mas depois termina porque foi breve.

Um projeto difícil e a longo prazo,
pode eventualmente cair,
mas voltar a erguer-se porque é extenso.

Tornar longo o projeto
é suportar a sua queda com coragem,
é manter a pontualidade da presença
aprendendo muito mais com a viagem.

Quando se cai e se volta a levantar,
é como o fabrico do aço endurecido.
O aço que é aquecido e arrefecido,
adquire uns predicados apetecidos.

Será assim que se obtém a resiliência?
Diz o ávido: “Não deixes para amanhã
o que podes fazer hoje.”
Diz o preguiçoso: “Procura para amanhã
o que podias ter feito ontem.”

Planeando extenso com imediata expressão,
a ideia procura distância, e próxima é a ação.
Para um projeto jamais ao contrário!

Para cada projeto, um crédito.
Dar crédito facilita o progresso,
que, na verdade, nada mais é
que a busca da novidade.

A novidade que cura o tédio,
a mãe de todos os males.
Porém, dar crédito não é sustentável.

Mas se não houver uma glória conclusão,
que não haja preocupação.

Se porventura não houver mais progresso,
só pode ser, pois, o fim da vida; por isso,
o projeto da Vida tem sempre sucesso.

XX.4

Eu adoro as minhas mãos.
Elas são-me muito queridas.
Posso até dizer que as amo muito.
E eu uso-as sempre que me convém.
Uso-as!

Ao amar uma pessoa e querê-la querida,
porque não devo dizer que a uso? Soa mal?

Se te soa mal, arranja outra palavra,
se conseguires, para quando usares as mãos.
Mas antes de intentares, repara que
existe o usar bem e o usar mal.
De qualquer forma, usar é o ato.

Então porquê o pudor da palavra?
Usa-a e Vive!

XX.5

Quem aprova uma vida inteira a sofrer,
mas no fim despertar o êxtase Divino,
a Realização Absoluta?

Quem aprova em ter uma vida inteira
num êxtase semelhante e, no fim,
despertar para uma morte miserável
num tormento existencial?

Ter medo de aproveitar a vida, a vida duvida.
Ter medo de não aproveitar a vida, é vida leviana.
A vida questiona: “É possível não aproveitar a vida?”
Da dúvida da vida à vida leviana, tudo em mim é Vida!

Portanto, qual é o sentido da vida?
O sentido da vida é apreciar a Vida
em todas as suas formas.

Então, qual é o sentido da morte?
O sentido da morte é fazer-nos apreciar a Vida
em todas as suas formas.

O que estará para lá da morte?
Haverá Vida, porque, por enquanto,
só há um sentido.

XX.6

Se o sentido da vida for viver,
o sentido da morte será morrer.

A morte não se sabe definir,
e a vida não a sabemos definir.

Daí vem a dúvida que temos,
sobre qual o objetivo das suas existências.

Não nos preparamos para viver,
mas preparamo-nos para morrer.

A crise existencial nunca se resolve,
vai-se resolvendo à medida que se vai vivendo.

Apenas no momento da morte do ego
poderá ficar resolvida, por completo,
a identidade da dúvida.

XX.7

A vida e a morte tornam-se num ponto,
e este ponto irradia para Infinitos sentidos,
como também Infinitos propósitos.

Isto é assim porque os ovos são assim.
O mesmo ovo é às vezes oval
e outras vezes é circular,
dependendo da perspectiva visual.

E, por que merece o ovo uma menção?
Porque o ponto é o fractal mais próximo
da derivação que emerge da Fonte.

Cada propósito, seja uma fantasia por autorrecriação,
ou um sentido de vida para uma coletiva aprovação
achando não ser ilusório, é, dado o tempo suficiente,
uma parcela com o mesmo peso neste somatório.
Portanto, um Ponto.

XX.8

Para o interior de cada um,
o sentido da vida é dar-lhe um sentido.
Para o exterior de cada um,
o sentido da vida é a própria Vida.

Ao interior e ao exterior, juntos,
ao mesmo tempo, eu chamo União.

Porque cada um é uma união consigo
e com o que o rodeia, o sentido da vida
poderá ir desde o reconhecimento da União
até à sua desconsideração procurando
uma outra e necessária valorização.

A este gradiente de matéria e ideias,
eu chamo Mistério, também conhecido por Amor.

XX.9

No quotidiano
vivemos como se vivêssemos para sempre.
Ao contrário do que imagináramos ser
a prática do “carpe diem”.
Porque, de facto, não há nada a perder.

Por que é que estou vivo?
Poderei estar vivo apenas para vir a saber
o porquê de estar vivo. Pronto, agora já sei!

Presumimos e especulamos, porque não sabemos.
Mas precisamos de pensar que sabemos
para agir no que for necessário.

Por que estou vivo? Faço de conta que não sei.
Se Faço-de-conta é porque estou Vivo!

XX.10

Uma cadeira provoca-me para nela sentar.
Essa cadeira procura o confronto físico
em que não tenho hipótese de vencer.

Passarei a ser uma pessoa sentada
quando estiver muito tempo de pé.

Ao afastar-me, mas estando presente,
essa cadeira fica aborrecida e chateada,
pois não me consegue agarrar.

No entanto, eu não me encontro distante.
A cadeira ficará consumida pela sua ira,
eliminando-se, e saindo eu vencedor.
Passa a ser, apenas, uma cadeira sem teor.
Uma imaginação do ser humano, e, na prática,
apenas uma inexistência consolidada e consumida.

Se o objeto for “o sentar”,
então o seu desejo será relaxar.

Se o objeto for “o relaxar”,
então deixará de ser uma cadeira,
pois aí já terei de me deitar.

Trata-se de um tipo de aceitação
que procura aceitar o objeto como condição,
mas não vai ao encontro do objeto como desejo.

O orgulho bom é quando aceitamos ser derrotados,
e isto é melhor que vencer.

Isto não é uma aceitação despreziva, mas sim
uma aceitação contemplativa.

XX.11

Aceitar com força não é ignorar o problema.
Aceitar com força é vontade e desejo,
é como tesão de poema.

Aceitar com fraqueza é ignorar a questão.
Repara só na tua face, quando dizes a expressão:
“Oh... não quero saber...”

E repara agora na cara que fazes,
quando aceitas mesmo,
e exclamas com intenção: “Ahhh, aceito!”

O resultado prático pode ser o mesmo,
mas a disposição interior é diferente.

XX.12

A Felicidade é esquiva, ela é tímida.
A Felicidade não se conquista, é demasiado poderosa.
A Felicidade não se constrói, ela é demasiado grande.
A Felicidade é uma miragem, vemo-La mais nos outros.

Por isso a Felicidade é como uma borboleta,
pois a borboleta esquiva-se porque é tímida.
A borboleta é poderosa porque voa com o vento.
A borboleta é grande porque apouca o drama do povo.
A borboleta é uma miragem porque é bonita e distante.

Com os seus olhos grandes que piscam,
quem estiver em Silêncio é onde ela poisa.

XX.13

O tempo alimenta-se de tempo,
dá tempo ao tempo e ele amadurece.

O espaço alimenta-se de espaço,
dá espaço ao espaço e ele cresce.

Por isso,
quando quiseres fazer amizade com um cão,
oferece-lhe comida.

Quando quiseres fazer amizade com uma pessoa,
mostra os mesmos interesses.

Quando pedires namoro a alguém,
vai ao encontro desse sentimento.

Quando quiseres fazer amizade contigo,
aceita-te.

XX.14

Há coisas que ficam sempre por resolver,
e é resolução suficiente saber isto acometido.

Se for suficiente, então está resolvido.
Se for suficiente, não é pouco nem é muito,
é equilibrado.

Mas o povo diz com razão:
“É como tudo... tudo o que é demais é mau.”

Demais de muito, é mau.
Demais de pouco, também.
E demais de suficiente?

Ser suficiente é ser moderado,
mas se ser moderado se tornar mau,
então todo e qualquer resto se tornará bom.
E é isto que constitui o Equilíbrio das coisas.

XX.15

Viver em equilíbrio é moderar,
mas agora presta atenção.
Nunca desistas em desistir
e em moderar a moderação.

Nunca desistas em desistir,
vou explicar antes de deixar.
É o atributo oposto de fábrica,
o atributo original é tentar.

Mesmo que desse desejo desistir,
a este contrário acontece sucumbir.
Mas é pelo atrito que avaliamos
a força que jamais escapamos.

Não é justamente pela sensação de cair
que nos podemos equilibrar?
Então isto é mesmo assim,
precisamente por assim Ser.